

Pontifícia Universidade Católica  
Rio de Janeiro - RJ

Búzios, Turismo e Meio Ambiente  
(um estudo sobre os efeitos ambientais do Turismo no Município de Armação dos Búzios, RJ)

Monografia de Graduação  
por  
Leonardo Carneiro

Orientador:  
João Rua

Departamento de Geografia e Meio Ambiente  
1997.1

## Agradecimentos

Para se fazer uma monografia é preciso partir de uma idéia. Eis aí o primeiro problema: são tantas as questões, as propostas, os sonhos que a gente acaba se perdendo.

Caminhando um dia pelos pilotis da puc esbarrei com o Scott e desse atrito fez-se a luz: turismo e geografia. Corri para minha casa, liguei o computador e nada... Passaram-se alguns meses e fui para Búzios e lá encontrei com Chico Sales, entre um mergulho e outro, me propõe taxativo: balneabilidade em búzios. Porque não? Telefono imediatamente para Pepa e Mariana, minhas musas inspiradoras de todas as horas e elas vibraram muito, chegando no dia seguinte com sua força de sempre e um bom estoque de florais de bach recomendados pela bruxa Telma Mariasch.

Tudo conspirava a favor...

Gilberto prontamente gostou da idéia e sempre queria saber mais perseguindo os resultados até o último minuto. Mas Fernando e Help me seduziam com suas conversas e noitadas e o tempo foi-se esticando... e foi numa dessas providenciais noitadas que conheci Tito Rosemberg que “Buziano” em meus ouvidos me entregou artigos e fotos do balneário pesquisado. a partir daí foi demais: Jorge Russo já havia se tornado personagem e conselheiro me abrindo as portas da Associação de Pescadores de Manguinhos .

Na “ponte aérea” rio/búzios, meio burguês, meio turista, meio pesquisador devo ter enchido as medidas de Anair, Cleusa, Edna e Claudio, com tantas solicitações. Isso sem falar da atenção de Haidine e Rogério que sugeriam coisas e avaliavam o que eu

havia levado pra eles. Cláudia Miranda desenhava que nem uma louca para me ajudar e pontuais, mas, presentes Lucy, Paulo, Dotori e Regina, doidos para irem a búzios comigo turistar, se contentavam com seu suporte teórico seguro.

Por fim, cansado de minha interminável tarefa cheia de viagens alucinadas e quase incontroláveis, **João Rua**, meio desorientado deu um basta: agora ou nunca! E assim, deste esforço coletivo, nasceu “**Búzios, turismo e meio ambiente**”.

*Salta Ascânio:*

*\_ Que porcaria? Casas de veraneio para turistas, hotel, restaurantes. A praia de Acapulco, a de Saint-Tropez, a de Arembepe, são por acaso porcaria, infernos? O futuro de Agreste, Comandante, está no turismo.*

*\_ São infernos, sim, são porcaria. Ainda outro dia A Tarde publicou uma reportagem sobre Arembepe: virou a capital dos hipies, a capital sul-americana da maconha. Você já pensou Mangue Seco repleto de cabeludos e maconheiros? Deixe nosso paraíso em paz, Ascânio, pelo menos enquanto a gente viver.*

*\_ Quer dizer que o senhor prefere, Comandante, que Agreste continue a ser um bom lugar para se esperar a morte?*

*\_ Prefiro, sim, meu filho. A morte aqui tarda e retarda, não desejo mais do que isso. O ar puro sem contaminação. A praia limpa.*

*...*

*\_ Arranha-céus, hotéis, a corrida imobiliária, o fim do coqueiral, das árvores, do sossego, da paz! Deus me livre e guarde! Felizmente isso não passa de delírio de vocês.. .*

Jorge Amado,  
*In Tietá do Agreste, 1977*

## RESUMO

O município de Armação dos Búzios vem passando por um rápido processo de expansão urbana, baseado no desenvolvimento das atividades turísticas em seu território. O fluxo de turismo tem sido atraído principalmente pelas qualidades naturais do balneário: praias, clima favorável às atividades de lazer quase todo o ano, proximidade da cidade do Rio de Janeiro, dentre outros.

O desenvolvimento e a modernização do município tem gerado significativas repercussões no meio ambiente local. Os efeitos do turismo se fazem sentir na cultura das comunidades nativas, no rearranjo social da população, na estrutura geocológica do território e na constituição da fauna marinha de sua faixa litorânea.

Este trabalho pretende mostrar como o desenvolvimento da atividade do turismo em Armação dos Búzios tem ocasionado a decadência da atratividade turística neste território. Os efeitos deste processo têm gerado queda da qualidade de vida e do meio ambiente local. Deste modo, o turismo tem destruído a si mesmo.

Este processo de autodestruição do turismo não é específico ao caso de Búzios e, portanto, sugere-se, neste trabalho, um conjunto de diretrizes destinadas aos órgãos de planejamento públicos e privados, no sentido de destinarem maior atenção na gestão do desenvolvimento do turismo neste e em outros territórios, para garantir a preservação do meio ambiente e a continuidade do processo de desenvolvimento.

## Búzios, Turismo e Meio Ambiente

(um estudo sobre os efeitos ambientais do Turismo no Município de Armação dos Búzios, RJ)

*“Todas estas belezas o viajante já conhece  
por tê-las visto em outra cidade”*

Ítalo Calvino, 1972

### 1. Introdução

No presente estudo tentarei estabelecer algumas relações entre o desenvolvimento das atividades de turismo e lazer e seus efeitos sobre o meio ambiente no novo município de Armação dos Búzios. Assim sendo, tentarei descrever o mais fielmente possível, as realidades diversas que existem no atual “mosaico” ambiental de Búzios, fruto de um modelo de desenvolvimento bastante contraditório.

Necessito, de início, definir alguns termos a serem usados neste trabalho para evitar dúvidas quanto às afirmações e descobertas existentes no seguimento desta pesquisa.

Para alcançar os objetivos desejados será necessário reconstruir o processo de ocupação da península. Espero não construir um espectro demasiadamente crítico ou determinista. Entretanto, inspirado em David Ruelle (1991), sugeriria a adoção do termo “caos determinista” para qualificar a urbanização de Búzios. No caos determinista de Ruelle, as características iniciais de um dado processo dinâmico são, a partir um dado momento, tragadas pelas condicionantes que a princípio eram imperceptíveis. Pouco a pouco, o caos vai se instalando e tomando conta do processo como um todo. Assim sendo, a dinâmica ambiental de Búzios foi tragada por uma corrida imobiliária que começou, timidamente, há quarenta anos atrás, impulsionada pela construção de uma estrada e pela chegada dos primeiros visitantes da península.

Em um processo onde pequenas infrações foram tomando proporções cada vez maiores e mais aberrantes, se constituiu o que hoje podemos chamar, segundo os mais alarmistas, de caos ambiental. As iniciativas públicas e privadas foram ambas responsáveis por este caos. Um dos propósitos para a realização deste trabalho, é exatamente o de não menosprezar as pequenas interferências sobre o meio ambiente, pois estas serão quase sempre as chamadas causas imperceptíveis que, pouco a pouco, irão desenhar o perfil dos resultados finais.

### **1.1 O Potencial Turístico de Armação dos Búzios**

O município de Armação dos Búzios compreende uma área peninsular vizinha ao município de Cabo Frio, estando ambos situados na Região dos Lagos a sudeste do Estado do Rio de Janeiro. Erroneamente esta região foi assim denominada, uma vez que, apresenta numerosas lagoas (não existem lagos), além de dunas, praias e costões rochosos de beleza ímpar. A atividade pesqueira e a atividade salineira representam as economias tradicionais da região como um todo. A colonização portuguesa na região data do século XVI e estava relacionada com a extração do pau-brasil.

A proximidade com a metrópole do Rio de Janeiro (150 km) tem possibilitado e até mesmo incentivado a diversificação das atividades econômicas da região. Devido às características físicas e sociais de cada município, alguns tem se dirigido para atividades industriais, outros se diferenciam como centros de comércio e serviços em geral que atendem à rede regional. Porém a atividade do turismo tem predominado em todos estes municípios, ainda que ocorra em diferentes níveis e com as devidas particularidades.

Devido à beleza das praias e lagoas existentes nesta região, além do clima privilegiado - baixa pluviosidade (ver tabela 1) e temperatura agradável durante quase todo o ano - pode-se aí observar um forte crescimento do setor de veraneio

(caracterizado por segundas residências) e de turismo, principalmente após a abertura da rodovia RJ-106 na década de 50. Posteriormente, a construção da ponte Rio-Niterói (1974) encurtou a distância e o tempo de viagem entre a metrópole do Rio de Janeiro e a Região dos Lagos.

Tabela 1  
Precipitação Média Comparativa

MUNICÍPIO	Pluviosidade média anual
Região dos Lagos (RJ)	820 mm/ano
Rio de Janeiro (RJ)	1788 mm/ano
Angra dos Reis (RJ)	2241 mm/ano

Fonte: PEB, 1996

O cenário de Búzios é composto por 23 praias, encravadas entre costões rochosos, cobertos de mata atlântica. A vegetação local possui algumas espécies endêmicas e uma grande variação de cactáceas estando no domínio da mata atlântica. Do alto de suas colinas e maciços costeiros ainda se podem observar o passeio de tartarugas marinhas, baleias e golfinhos pelo litoral da península. O mar de Búzios serve de puro deleite aos mergulhadores com uma grande diversidade da flora e da fauna marinha encontradas. O acúmulo crescente de lixo na faixa litorânea, no entanto vem comprometendo o ecossistema marítimo e o interesse paisagístico.

Assim, até o início dos anos 50, Armação dos Búzios era um desconhecido vilarejo de pescadores, chamada anteriormente de Armação das Baleias, devido à existência de uma armação de pescadores de baleias no século XVIII. Conta-se que a abertura oficial da caça começava no dia 26 de julho, dia da festa da Igreja de Sant'Anna (construída em 1740), quando o material de pesca e pescadores eram abençoados pelo padre local. Na época da pesca de baleia, ao ver o esguicho de água da baleia, manifestação característica do animal, o padre tocava o sino para enviar os baleeiros à caça.

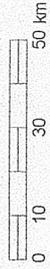
# DESMEMBRAMENTOS MUNICIPAIS ESTADO DO RIO DE JANEIRO - 1500/1997

Blocos Político-Territoriais na  
Evolução dos Municípios

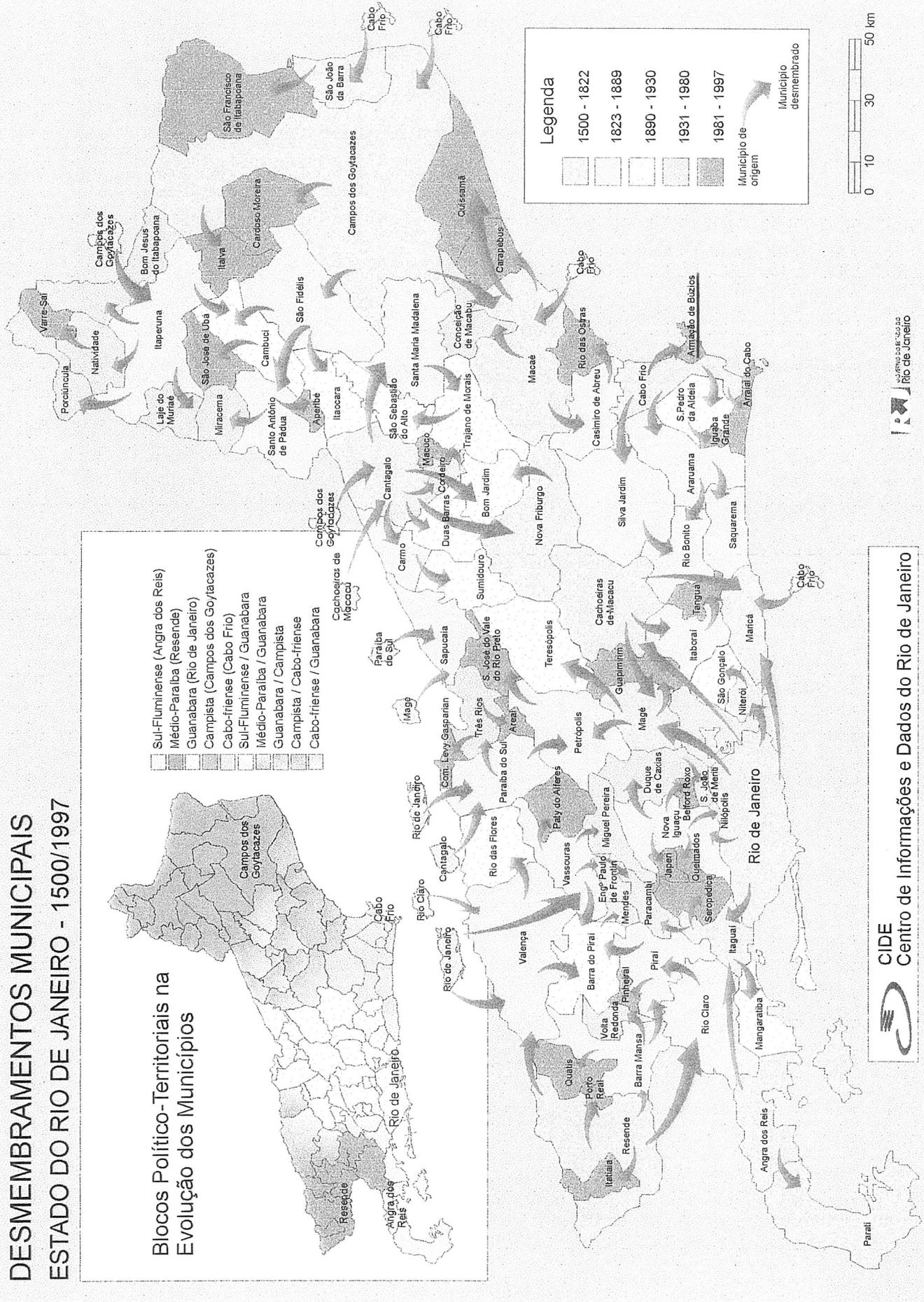
- SUI-Fluminense (Angra dos Reis)
- Médio-Paraliba (Resende)
- Guanabara (Rio de Janeiro)
- Campista (Campos dos Goytacazes)
- Cabo-friense (Cabo Frio)
- Médio-Paraliba / Guanabara
- SUI-Fluminense / Guanabara
- Campista / Cabo-friense
- Cabo-friense / Guanabara

**Legenda**

- 1500 - 1822
- 1823 - 1889
- 1890 - 1930
- 1931 - 1980
- 1981 - 1997
- ➔ Município de origem
- ➔ Município desmembrado



CIDE  
Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro





Recentemente este vilarejo foi emancipado como o município de Armação dos Búzios que teve um marco em sua história enquanto balneário com a visita da atriz francesa Brigitte Bardot, na década de 60. A breve visita de Bardot ao vilarejo, já então, refúgio de veraneio de uma pequena parte da elite carioca, colocou Búzios no mapa do turismo dentro e fora do Brasil. Uma das características do desenvolvimento do turismo em Búzios foi a grande participação de estrangeiros desde o início, não só como turistas mas, também como investidores e imigrantes.

Concomitante ao processo de ocupação da Região dos Lagos, Búzios teve sua especificidade acompanhada de um *glamour* que nenhuma outra estação balneária do Brasil jamais conquistou, sendo atraída e ocupada, desde os primórdios, pela elite da sociedade carioca. Talvez por estas características, Búzios tenha conseguido manter parte de seu patrimônio natural um pouco mais preservado em comparação com as outras estações da região, guardadas algumas ressalvas, como analisaremos adiante. Seu processo de ocupação foi um pouco mais ordenado do que os municípios vizinhos, o que não impediu que alguns crimes sociais e ecológicos fossem cometidos.

O caráter elitista que determinou os primeiros anos da “ocupação” da península não impediu que o turismo de massa ali se desenvolvesse. Hoje em dia a ocupação de Búzios tem sido fundamentalmente deflagrada pelos condomínios de classe média e de instalações para turistas de baixo poder aquisitivo. Esclareço que minha postura nada tem contra o turismo de “massa” ou “de baixa renda”, apenas creio que para qualquer atividade econômica que se estabeleça deve haver um mínimo de controle sobre os meios de apropriação do espaço em questão.

A atividade de turismo e lazer é hoje o principal e incontestável setor da economia de Búzios. O município nunca possuiu uma forte aptidão agrícola, até mesmo devido às restrições do solo impróprio à prática agrícola. A atividade pesqueira vem resistindo com certa dificuldade, pois como veremos, muitas espécies já não são mais encontradas em sua área litorânea mais próxima e a pesca em alto mar necessita de

melhores equipamentos e a aquisição destes equipamentos não é possível para a maioria dos pescadores. Além do mais, muitos pescadores se dedicam a fazer passeios turísticos em seus pequenos barcos, principalmente durante a temporada de verão.

A pequena vila que em um prazo de 30 anos atingiu uma população de 15.000 habitantes não recebeu investimentos apropriados para a implantação de uma rede de serviços e infra-estrutura urbana, situação que se agrava no período do verão com a chegada de uma população flutuante estimada, segundo a Secretaria de Planejamento do município, em 30.000 pessoas. A corrida imobiliária levou à construção de grande número de casas e condomínios em áreas indevidas e em péssimas condições sanitárias. O aterro de lagoas, mangues e brejos tem sido constante e a rede de esgoto tem sido conectada a canais pluviais que acabam contaminando as praias locais.

As comunidades tradicionais de Búzios, pescadores, de modo geral, sofreram um rearranjo espacial e econômico. Tais efeitos serão descritos posteriormente. O que nos interessa agora, é denunciar que os espaços da antiga vila habitada por pescadores foram ocupados ou incorporados pela atividade de turismo e lazer. Os antigos moradores foram, na maioria, excluídos do processo de desenvolvimento e hoje habitam áreas periféricas com precárias instalações de infra-estrutura urbana. A favelização se faz sentir em proporções surpreendentes com a chegada de imigrantes em busca de trabalho no município.

## **1.2 Repensando o Meio Ambiente**

Segundo o Novo Dicionário Aurélio, Meio Ambiente “*o conjunto de condições naturais e de influências que atuam sobre os organismos vivos e os seres humanos*”. Gostaria, entretanto, de trabalhar com uma outra definição, pois acredito que o termo meio ambiente possua uma característica um pouco mais abrangente e interativa.

Nas palavras de Conti e Furlan (1995:67), “o termo *ambiente* ganhou projeção nos últimos trinta anos, em virtude da crise ecológica planetária pela qual passa a humanidade. Nas ciências que estudam a natureza, o conceito de meio ambiente aparece como um conjunto sistêmico no qual tudo depende de tudo. O termo *meio ambiente*, no entanto, pode ter muitos sentidos. Como o meio ou arredores onde a vida se processa podem ser modificados, indo além do próprio indivíduo, o ambiente adquire um significado amplo. Na biologia, entender o ambiente é estudar a estrutura e a função dos diferentes compartimentos de um sistema de inter-relações. Na geografia, além deste aspecto, o ambiente é considerado em sua dimensão histórica e está diretamente imbricado com a sociedade. Em outros termos, o ambiente é a natureza transformada historicamente pela cultura.”

Meio ambiente, neste trabalho é entendido como a resultante das interações ocorridas em um determinado espaço através das relações ecológicas e sociais nele constituído; é fundamentalmente um espaço construído a partir das relações dos seres vivos entre si e entre os elementos ou fatores ‘*naturais*’ abióticos (do micro ao macro espaço) que vão se modificando ou evoluindo mútua e historicamente.

Uma cidade, um campo de produção agrícola ou uma floresta, cabem dentro da mesma definição de meio ambiente, muito embora cada um possua suas próprias particularidades. Em todos estes exemplos o meio ambiente é resultante das relações existentes entre os seres vivos entre si e com as condições físicas naturais. A maneira pela qual cada um destes meios ambientes vem sendo transformado, devido à interferência das atividades capitalistas da sociedade moderna, tem sido objeto de estudo da Geografia. Por isso a atividade de turismo passou, recentemente a ser estudada por geógrafos do mundo inteiro, na medida em que o surgimento da indústria do turismo produz transformações significativas no ambiente em que se instala.

A constante interferência da atividade capitalista sobre os mais variados espaços tem gerado modificações consideráveis sobre o meio ambiente onde se instala uma nova atividade econômica. Quando as resultantes das interferências sócio-econômicas “*geram forte alteração no ambiente natural*” (Ross, 1995), estas alterações são chamadas de impactos ou efeitos ambientais.

O estudo dos efeitos ambientais tem, por sua vez, sido objeto de interesse da Geografia e se farão presentes neste trabalho.

### **1.3 O Turismo Como um Novo Campo da Geografia**

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT) o turismo é “uma soma de relações e de serviços resultantes de uma mudança de residência temporária e voluntária motivada por razões alheias a negócios ou profissionais”. Para a existência do turismo, exige-se a presença dos turistas, que são normalmente moradores urbanos que dedicam parte de seu tempo a visitar outros lugares com o propósito de lazer. Motivados por várias razões, os turistas modernos parecem querer se livrar do “stress” e do caos urbano, em seu período de férias. Para o atendimento desta necessidade foi criada a indústria do turismo.

Para Mendonça (1996), “o turismo é considerado uma indústria e, assim como os demais setores da economia moderna, depende da apropriação e exploração da natureza e das sociedades locais”. Portanto, o turismo, enquanto atividade econômica, tem produzido reflexos e intervenções nos espaços e nas sociedades em que se desenvolve. A atividade do turismo tem sido um forte fator de transformação dos espaços onde ocorre e é por isso que urge a necessidade de um estudo sobre os efeitos resultantes, para que a partir dos elementos estudados possamos corrigir seus efeitos negativos sobre o meio ambiente natural e sócio-cultural. Futuramente este

estudo poderá nos auxiliar no planejamento econômico e ambiental de outros espaços que, ao serem desenvolvidos, poderão vir a sofrer efeitos menos perversos na sua forma de exploração .

Acho necessário aprofundar um pouco mais a noção de Turismo explorada neste trabalho. Em primeiro lugar o turismo é uma atividade econômica que ao se apropriar do espaço gera efeitos ambientais conflitantes. O turismo enquanto setor econômico, é uma atividade terciária que utiliza bens e serviços dos demais setores da economia como alimentação, consumo de bens industriais, construção civil, uma ampla rede de serviços, bares e restaurantes. Existem entretanto, algumas especificidades da atividade turística como, por exemplo, o atendimento das agências de viagem, os hotéis ou pousadas, e alguns meios de transportes tipicamente turísticos, assim como lojas especializadas em artesanatos, mapas, guias turísticos, etc.

Muitas vezes os efeitos ambientais estudados, são provocados pela carência de infraestrutura de outros setores. Por exemplo, a precariedade do sistema de saneamento básico de uma cidade, centro de atividade turística, pode ter efeitos negativos no conjunto do meio ambiente local e, embora o fluxo de turismo possa vir a aumentar o problema, a falta de infraestrutura urbana não é de responsabilidade do setor. Do mesmo modo, o lixo urbano junta o lixo dos moradores ao lixo gerado pela atividade do turismo. Os problemas gerados pela denominada *indústria do turismo*<sup>1</sup>, não são, muitas vezes, exclusivamente criados por ela.

Em segundo lugar, o encontro de turistas com sociedades nativas pode gerar um intercâmbio cultural desejável e construtivo, como pode servir como transformador e banalizador da cultura da comunidade em questão. Vejamos as opiniões de Barreto (1991) e de Carlos (1996:25) quanto a este respeito. Para a primeira, “o fenômeno turístico, ou atividade turística, como preferimos denominá-la, tem um aspecto social

---

<sup>1</sup> O termo indústria do turismo remete, segundo Barreto (1991), ao estudo do turismo enquanto atividade econômica transformadora do ambiente e da paisagem.

tão importante quanto o desenvolvimento econômico, isto é, a possibilidade de expansão do ser humano, seja pelo divertimento ou pela possibilidade de conhecer novas culturas e enriquecer os conhecimentos através das viagens” .

Já para a segunda autora “A indústria do turismo transforma tudo o que toca em artificial, cria um mundo fictício e mistificado de lazer, ilusório, onde o espaço se transforma em cenário para o “espetáculo” para uma *multidão amorfa* mediante a criação de uma série de atividades que conduzem à passividade, produzindo apenas a ilusão da evasão, e, desse modo, o real é metamorfoseado, transfigurado, para seduzir e fascinar”.

Acredito que a atividade turística tem adquirido uma fricção como a descrita por Carlos, pois ela contribui para a banalização e homogeneização da diversidade geográfica e cultural das regiões atingidas, além de proporcionar um “quadro” artificial aos olhos dos turistas. Não se pode negar, entretanto, as possibilidades de trocas e conhecimentos que o turismo pode gerar seguindo uma postura mais consciente e elaborada. Segundo Ferrara (1996:15) “O turismo precisa ser reinventado, precisa descobrir-se como inteligibilidade que deve dinamizar criativamente a fruição. Para tanto, é indispensável superar a simples visibilidade decorativa e esteticizante da terra estranha como cartão postal, para propor a descoberta que, sem planos, envolverá o turista na sua capacidade de encontrar alternativas e conhecer o que é estranho a fim de conhecer-se”.

Como podemos perceber, os efeitos sociais oriundos da atividade turística podem ser diversos, positivos ou não. Entretanto é sempre incontestável a modificação que o fluxo de turismo ocasiona nos padrões éticos, morais e econômicos da vida de uma sociedade, especialmente se estamos falando de comunidades não urbanizadas, não integradas à economia formal. A identidade cultural de uma sociedade pode se perder e se transformar numa identidade de padrão uniformizado ou, na verdade, sem identidade própria. O desenvolvimento do turismo tem produzido, especialmente nos

chamados países do terceiro mundo, a transformação ou a perda da identidade cultural<sup>2</sup> de suas populações tradicionais ou, no mínimo, o rearranjo do papel sócio-econômico destas populações.

Na tentativa de se tentar ajustar as possibilidades criativas à indústria do turismo, tem sido projetado nos últimos anos o chamado “turismo ecológico” que teria como finalidade última promover as viagens de lazer com finalidades educacionais propiciadoras da “*expansão do ser humano*” e que ainda produzam menores impactos negativos no ambiente local. Entretanto, a ideologia do turismo ecológico é pouco clara e sua prática, muitas vezes, não difere da criação do “mundo fictício” descrito por Carlos.

Para finalizar, a atividade turística é uma das atividades econômicas que registra maior crescimento dentro da economia mundial em um processo que parece irreversível, o que quer dizer que, queira ou não, teremos que aprender a trabalhar e nos habituar com o advento desta indústria.

Segundo Hobsbawn (1995), o turismo produzido para o consumo de massa tem início no pós-guerra, quando o número de viagens, que continha como finalidade única o lazer, apresenta um grande salto, impulsionado pelo momento de crescimento econômico mundial. A partir, principalmente, da década de 60 o crescimento do setor de turismo promove uma revolução em muitos países. A Espanha, que praticamente desconhecia este setor de mercado, passou a receber um contingente de 44 milhões de visitantes estrangeiros por ano durante a década de 1980. O turismo passou a ser um setor econômico de expressão fundamental em países como Marrocos, México, Itália, entre muitos outros.

---

<sup>2</sup> Segundo Lea (1988) antropólogos tem detectado no fluxo de turistas internacionais no terceiro mundo um importante agente de aculturação das comunidades primitivas. Entretanto, sugere que venha ocorrer na verdade uma “assimilação” da cultura mais forte pela mais fraca.

O crescimento desta atividade criou uma geografia do turismo que redesenhou o mapa-múndi, dividindo-o entre áreas de interesses distintos. No Brasil se desenvolveu uma indústria de turismo movida pelos atrativos naturais em estações balneárias apoiada no clima quente e ensolarado que aqui se encontra quase todo o ano. Tal atratividade se deu devido, naturalmente, à extensão, beleza e diversidade de seu litoral, e, também, às razões históricas da ocupação litorânea brasileira. Outros tipos de turismo não se excluem do território brasileiro, como o movido pelas atrações culturais, tendo como maior exemplo a temporada do carnaval.

Uma vasta literatura foi produzida exaltando ou questionando a importância das cifras econômicas deste ramo de atividade, sendo que muitos apostavam na crença de que o turismo pudesse vir a existir sem provocar efeitos perversos nos locais onde viesse a se desenvolver. Assim como o turismo internacional, as estações de turismo para uso local e/ou regional sofreram, igualmente, um grande crescimento com a massificação das atividades de lazer e turismo na sociedade moderna.

As modificações e a deterioração das condições ambientais de determinados sítios de atração turística causou, por sua vez, impactos na forma de apropriação da natureza e na forma de sobrevivência das comunidades locais. Segundo Mathieson e Wall (1982), de modo geral, a maior parte da população destas sociedades se torna mão-de-obra assalariada de baixo custo para os empreendimentos de turismo e/ou veraneio, uma vez que os cargos mais bem remunerados são, geralmente, oferecidos a trabalhadores mais especializados que vêm de fora. Entretanto, ao menos no caso específico de Búzios, constatei que a população nativa se tornou detentora de algum capital ou propriedades e que um outro pequeno grupo pode ainda manter-se com as atividades tradicionais<sup>3</sup> sofrendo, embora, mudanças em seu ritmo e em suas condições de trabalho. O trabalho oferecido pelos empreendimentos turísticos foram, na maioria dos casos, preenchidas por imigrantes.

---

<sup>3</sup> Geralmente conciliadas com outros tipos de atividade, como no caso dos pescadores que durante o período do verão preferem trabalhar fazendo passeios de barco com os turistas.

#### **1.4 O Objetivo final: Efeitos Ambientais**

O objetivo final deste trabalho será o de traçar alguns dos efeitos ambientais do desenvolvimento da atividade de turismo e lazer no Município de Armação dos Búzios. O critério de elegibilidade dos “efeitos” não obedeceu a nenhum padrão específico, mas à observação e constatação pessoal daqueles casos que mais me chamaram a atenção.

Tentei identificar, com alguns membros da comunidade buziana, quais seriam os fatores mais agravantes do processo em decorrência. Não será surpresa nenhuma verificar no final do trabalho que todos os efeitos estudados estão intrinsecamente ligados. Ao tratar com o meio ambiente, quando mexemos em um ponto estaremos afetando uma rede de outros determinados pontos.

Assim sendo, elegi como importantes pontos a serem estudados dois principais temas. Em primeiro lugar, os efeitos sociais envolvidos no processo de desenvolvimento de Búzios. Terei em vista o rearranjo social das comunidades de pescadores, a imigração para lá gerada, os meios de exclusão social aí legitimados além de uma análise do comportamento dos novos grupos sociais existentes. Em segundo lugar, as mudanças geo-ecológicas do território como a perda da cobertura vegetal, principalmente as áreas de preservação como mata atlântica e restingas, o aterro de lagoas, manguesais e brejos, e ainda a qualidade de balneabilidade das praias buzianas.

Devo ainda acrescentar que existe uma grande dificuldade de constatar todos os impactos ou efeitos ambientais que a atividade do turismo provocou pois não temos conhecimento de todos os detalhes que impulsionaram o desencadeamento das reações impactantes. Além disto, como a atividade do turismo se utiliza dos bens e serviços de outros ramos de atividades, por vezes é difícil dizer quais realmente foram os causadores das transformações ocorridas.

Ao descrever os efeitos ambientais do turismo em Búzios, não estarei tentando descrever a possibilidade de uma volta ao passado, ao estado original em que se encontrava nos 50 ou 60. Este trabalho trata, sim, de uma tentativa de enumerar conseqüências para poder corrigir o que ainda seja corrigível, que ainda sirva de exemplo para que, em futuros planejamentos de desenvolvimento de turismo, no âmbito econômico e ambiental, possamos refletir e decidir com maior experiência e conhecimento.

Para orientar este trabalho, desejo utilizar o fio condutor traçado por Rodrigues em seu artigo “*A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental*”(1996:20). Neste artigo, Rodrigues trabalha a perspectiva de como os efeitos causados pelo desenvolvimento do turismo em uma estância acabam por eliminar as condições primordiais que serviram de fator de atração para o turismo nestas áreas, principalmente nos territórios onde a gestão ambiental e urbana são mal regidos.

A deterioração ambiental causada pelo fluxo de turismo em determinado local finda por criar um espaço pouco atraente para a continuação da existência deste fluxo. À medida que são destruídos os bens naturais como praias, matas, dunas, lagoas diminui o interesse dos turistas e a atratividade do local. Especialmente numa categoria de turismo baseado na riqueza dos recursos “naturais” do território em questão.

O turismo, regido desta forma, “mata a própria galinha dos ovos de ouro” num processo contínuo que do mesmo modo irá se apropriando de outros espaços que serão, por sua vez, também degradados e deixados de lado. Criaria-se assim um diagrama espiral de fluxo contínuo onde haveriam sempre novas localidades a serem apropriadas ao final de cada processo de apropriação e degradação. Esta sequência

só cessaria quando absolutamente todos os espaços já estivessem devidamente ocupados.

Assim, podemos perceber que a destruição causada pelo turismo é o fator definitivo da decadência do turismo em determinada região, seja pela diminuição do número de turistas, seja pelo baixo retorno que as atividades econômicas passam a gerar, o que não quer necessariamente dizer a mesma coisa. A presença de um grande número de turistas nem sempre resulta em um bom resultado econômico.

Vale ainda dizer que muitos efeitos ambientais causados pela indústria de turismo poderiam ser minimizados ou até mesmo eliminados caso houvessem administrações municipais e estaduais atuantes, que fiscalizassem, incentivassem e fornecessem infraestrutura urbana condizente com as necessidades locais.

Foram utilizadas metodologias distintas para a pesquisa e análise de cada aspecto dos efeitos ambientais (sociais e geocológicos). Portanto, houve a opção de descrevê-las dentro de cada tema. Entretanto, este trabalho foi fruto de uma ampla vivência em campo e esta embasado em inúmeras entrevistas e conversas com a população e os estudiosos de Búzios, além de um acompanhamento bibliográfico relativamente extenso.

As novas formas de desenvolvimento sustentável defendidas por ambientalistas e organizações no mundo inteiro não descartam a necessidade de desenvolvimento social. Entretanto, segundo os novos parâmetros de desenvolvimento, não podemos mais nos permitir a destruir de forma definitiva os bens naturais e culturais de uma sociedade, seja ela qual for e independente das razões a que se propõe. É de interesse da humanidade manter a diversidade cultural e biológica de nosso planeta, fazendo uso daquilo que podemos desfrutar e aprendendo com as diferenças que nos mantêm vivos, afortunados e únicos.

Assim sendo, constam ainda como objetivos centrais deste trabalho, a intenção de se conscientizar para as problemáticas do turismo, pensar as possíveis soluções a serem aplicadas e ressaltar a importância de trazer esta discussão para o meio acadêmico.

## 2 - Búzios: da estagnação ao conflito (a urbanização)

*“Como evitar que nossas cidades se diluam,  
percam a forma e a alma?”  
Le Corbusier*

Da estagnação ao conflito. Estas breves palavras podem bem resumir quarenta anos de história buziana. Num passado, não muito longínquo, Búzios fora uma península de raro e difícil acesso, habitada por uma pequena comunidade de famílias de pescadores que se concentravam em vilas na Praia dos Ossos ou na Aldeia da praia de Geribá. Além da atividade da pesca, havia a prática de uma agricultura de subsistência por parte dos nativos e pequenas plantações de banana em algumas fazendas localizadas nas imediações da praia Rasa.

Neste pacato cenário preenchido por brejos, lagoas, praias desertas e costões rochosos, espécimes animais conviviam com a presença do homem, especialmente espécies marinhas como tartarugas, golfinhos, baleias e peixes. Segundo alguns moradores, a quantidade de lagostas que vinha na rede de pesca era tamanha que eles não podiam sequer consumi-las ou vendê-las, de modo que as arremessavam de volta ao mar.

Tais comunidades eram praticamente auto-sustentáveis, pois o volume de “trocas” com outros centros era muito pequeno. Vejamos as palavras da dona Amélia Rosa de Carvalho, 77 anos, nascida, crescida e vivida em Búzios:

*“Não precisava comprar nada, tinha feijão, farinha, mandioca, milho, banana, batata, galinha,... e ainda pescava, apanhava marisco, ostra, era uma fartura danada.”*

Hoje, o roçado de dona Amélia se perdeu na briga que se arrasta há anos, pelas terras que sempre foram de sua família e que só agora “parece” que voltarão a ser. “*Meu*

*bisavô era dono de tudo- explica a filha Deise - e vendeu parte pra firma Odeon que foi tomando conta das terras. Só agora é que estamos conseguindo provar que somos verdadeiramente donos da maior parte da praia do Forno”. Como os tempos são outros, nenhum dos herdeiros de dona Amélia pretende morar lá pois segundo Deise, “Não adianta a gente ficar com aquilo e não poder construir. Vamos vender porque lá é lugar pra coisa sofisticada. A gente não pode chegar e querer fazer uma casa de qualquer maneira, um barraco, que é o que podemos construir”.*

Se, por um lado a chegada do progresso e de uma nova sociedade significou perda na qualidade de vida para algumas famílias, por outro, trouxe também a melhoria das condições e aspirações de vida para outras. O dilema vivido pela falta de comércio e serviços como saúde e educação dificultava a vida da comunidade. Mais uma vez, vou trazer o relato de um antigo morador da península<sup>4</sup>, nas palavras do senhor Izael Coutinho, morador de Búzios a sessenta e seis anos:

*“Tudo o que precisávamos, remédio, compras de comida, tinha que ser em Cabo Frio e íamos a pé até lá, fazíamos as compras e trazíamos nas costas. No meio do caminho tinha um areal de uns mil e quinhentos metros, que quando o sol esquentava a gente tinha que passar pulando. A gente sofria e isso era para todo mundo que morava aqui, porque aqui não tinha nada”.*

Atualmente, Búzios possui uma rede de comércio satisfatória, uma rede de transportes públicos relativamente confiável e é primariamente servida de equipamentos de educação e saúde. A cidade entretanto já não é mais a mesma. Desde muito, o antigo traçado da praia dos Ossos ultrapassou seus limites e se estendeu a quase toda a península. Casas, pousadas, condomínios, loteamentos, invasões e estabelecimentos comerciais se encontram por todos os lados. Talvez a resultante do processo de urbanização de Búzios não difira muito de outras cidades brasileiras. Os problemas encontrados não lhe são exclusivos. Na palavra de Santos

---

<sup>4</sup> As entrevistas com os antigos moradores de Búzios serão uma importante fonte de informação. São eles os verdadeiros narradores do processo de ocupação de Búzios. Espero não tornar o texto exaustivo mediante inúmeras citações.

(1993) “...todas as cidades brasileiras exibem problemáticas parecidas...problemas como os do emprego, da habitação, dos transportes, do lazer, da água, dos esgotos, da educação e saúde, são genéricos e revelam enormes carências”.

Porém Búzios possui algumas especificidades que valem a pena ser iluminadas e trazidas ao nosso campo de visão. Enquanto centro de atividades de turismo e lazer, Búzios adquiriu características que não se repetem em gênero, número e grau em outras cidades. Devido ao crescimento do turismo como promotor de seu desenvolvimento, o setor terciário da economia foi o que mais cresceu. Mais precisamente a cidade conta com um razoável número de restaurantes, pousadas, bancos, bares e lojas, além de toda uma rede de serviços necessários ao desenvolvimento de uma cidade de porte pequeno (oficinas, postos de gasolina, administração pública, serviços públicos, etc.).

A Associação dos Hotéis de Búzios (AHB) conta com a representação de 32 estabelecimentos. Existem, entretanto, outros hotéis e pousadas que não são associados à AHB. Isto sem falar das pousadas e “apart-hotéis” da economia informal, que são espécies de “flats” ou suítes caseiras que durante o período de baixa temporada são alugados a preços baixos para a população local e durante o verão são alugados para turistas de baixa renda ou ainda para os trabalhadores sazonais (estudantes que vêm passar férias em Búzios) dos bares, boates e pousadas. Ainda teríamos que considerar as casas de veraneio (segunda residência) que são alugadas para turistas durante o verão e, deste modo, funcionam também como equipamentos turísticos.

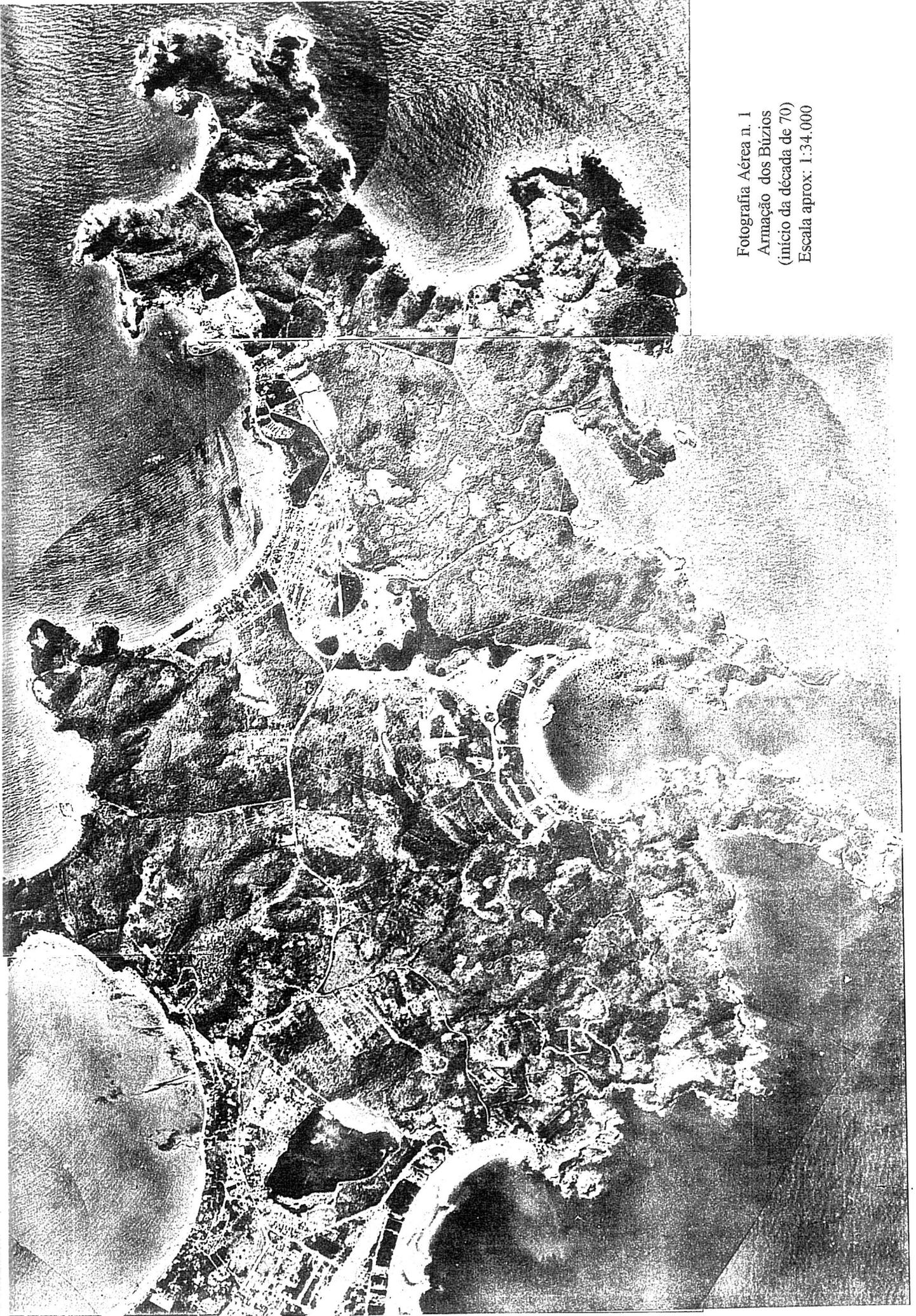
No material de divulgação feito pela Secretaria de Turismo da Prefeitura de Búzios estão catalogados vinte e dois bares e restaurantes de interesse turístico. Entretanto este número não chega nem perto da realidade. Nesta lista constam apenas alguns bares e restaurantes da Rua das Pedras e da praia de João Fernandes. A Associação

Comercial de Búzios conta com 184 associados, entre lojas e restaurantes, principalmente.

O processo que culminou na atual urbanização de Búzios caracterizou-se por sua rapidez e pela qualidade de seu crescimento. Assim como as fronteiras agrícolas são cooptadas à integração econômica de um território, sugeriria, neste caso, a adoção do termo 'fronteira do turismo'. Deste modo, podemos entender o processo de ocupação de Búzios como tendo sido a cooptação e integração do território às atividades de lazer da população carioca, em um primeiro momento, e posteriormente de uma população de nível nacional e até mesmo internacional, afinal de contas não se pode falar de Búzios sem mencionar a participação dos estrangeiros em seu território.

Argentinos, franceses, italianos e alemães compartilham hoje o espaço buziano lado a lado com os pescadores, os imigrantes brasileiros e os turistas. Recentemente segundo cálculos de uma pesquisa local, foram catalogadas cinquenta e quatro diferentes nacionalidades de estrangeiros residentes em Búzios. Estes estrangeiros foram, muitas vezes, os representantes do capital externo que investiam em Búzios principalmente na área de restaurantes, bares, discotecas, pousadas e hotéis. Aliás um dos fortes atrativos de Búzios está justamente na qualidade de seus restaurantes e de sua vida noturna. Nos dois quesitos a presença dos estrangeiros foi muito forte pois, com diferentes culturas e hábitos, ajudaram a compor um estilo buziano de lazer, com forte sotaque estrangeiro.

O centro comercial se instalou na Rua das Pedras e arredores, assim como os estabelecimentos públicos, que se estendem desde a praia dos Ossos até a praia do Canto. No istmo formado na entrada da península, entre as praias de Manguinhos e Geribá, um novo centro urbano secundário com características mais residenciais foi formado contendo uma rede de comércio e serviços capaz de atender as necessidades do bairro. Em Manguinhos sobrevive, ainda, uma Colônia de Pesca que reúne os pescadores da região e, em Geribá, a Aldeia resistiu à corrida imobiliária e continua



Fotografia Aérea n. 1  
Armação dos Búzios  
(início da década de 70)  
Escala aprox: 1:34.000

Fotografia Aérea n. 2  
Armação dos Búzios  
(1993)  
Escala aprox: 1:40.000



sendo uma vila habitada por antigos moradores. Estes dois bairros são os que mais têm sofrido com a especulação imobiliária. Outras localidades, como praia da Ferradura e uma parte de Geribá, foram basicamente transformados em bairros de segunda residência<sup>5</sup>, em grande parte, para a população carioca. Compare as fotografias aéreas das páginas seguintes. A primeira data provavelmente de 1970 e a segunda de 1993. Nelas podemos perceber a rapidez e a proporção da urbanização neste território.

Na comparação das duas fotos, fica evidente a qualidade do crescimento urbano de Búzios. Na fotografia 2, os cortes de ruas e estradas estão presentes em todo o território. O espaço da península buziana já se encontra praticamente planejado para loteamentos destinados à construção de bairros de casas ou condomínios de veraneio a exemplo do modelo de adensamento urbano encontrado em Manguinhos e Geribá (comparar as fotos).

Na periferia da cidade, bairros menos nobres e desassistidos de serviços públicos passaram a sofrer também um crescimento bastante grande. O bairro de Cem Braças, por exemplo, apresenta uma formação característica de favela, com uma população carente, formada por imigrantes do norte do Estado do Rio de Janeiro (Campos, Itaperuna), que atendem, na maioria dos casos, a serviços de construção civil e a serviços domésticos da cidade<sup>6</sup>. Hoje em dia todos estes bairros citados se encontram praticamente conectados, ao passo que num passado recente os núcleos de cada bairro eram separados e o caminho entre eles, cheios de mata, brejos, lagoas.

Este modelo de urbanização de Búzios foi detonado a partir da construção da RJ 106 e posteriormente da construção da ponte Rio-Niterói. No início dos anos 60, o traçado das ruas de Búzios não apresentava uma mudança significativa, mas as

---

<sup>5</sup> Segundo Macedo e Pellegrino (1996:156) este padrão de ocupação urbana é destinado basicamente à construção de casas que são utilizadas no período das férias do verão ou em feriados longos.

primeiras casas de pescadores começavam a ser compradas e utilizadas por membros da sociedade carioca. Vejamos as palavras do Sr. Messias da Silva, comerciante nascido e criado em Búzios: “...Nasci aqui em Búzios mesmo. A nossa casa era onde é hoje a casa da Renata Dechamps, na rua das Pedras... Foi quando a Renata pintou aqui, trazida pelo Otavinho<sup>7</sup>, que era um garotinho ainda. A mãe dele era muito amiga da minha família. Vendemos a casa para a Renata, minha família não gostou, se dependesse da vontade dos meus doze irmãos, papai não tinha vendido. .. Aliás na rua das Pedras todas as casas eram de pescadores. Uma rua muito calma, tranquila, com chão de terra batida. Mas veio o tal progresso e mudou tudo, os pescadores foram todos vendendo suas casas.”

Búzios começaria então a ganhar fama como o mais famoso balneário da costa brasileira e, desde então, o território passaria a ser vítima de um modelo de ocupação que lhe subtrairia inúmeros atributos de seu patrimônio natural.

A incontestável beleza e estado de conservação de suas praias, lagoas e brejos começaram a sofrer os efeitos perversos de uma corrida imobiliária avassaladora, por empreendimentos que prometiam um padrão de qualidade de vida alto aos seus usuários e que submetiam o território a uma exploração definitiva, indevida e caótica. Some-se à este quadro, para torná-lo ainda mais crítico, o fato de que a corrida imobiliária dotou a cidade de inúmeros loteamentos sem a menor infra-estrutura básica (luz, água, calçamento, etc.), com casas e condomínios que desrespeitam os padrões de construção e as áreas de preservação estabelecidos na legislação federal e municipal, além de um número absurdamente alto de veranistas que “invadem” a cidade durante o verão, trazendo consigo muitos problemas e pouco retorno para a cidade, pelo baixo aporte monetário que produzem.

---

<sup>6</sup> Não existem dados estatísticos específicos sobre esta população. As constatações aqui contidas provêm de pesquisas feitas em campo utilizando amostragens aleatórias e entrevistas com membros mais antigos da comunidade.

<sup>7</sup> O entrevistado se refere ao arquiteto e ex-vereador de Búzios, Sr. Otavio Raja Gabaglia.

O pouco cuidado dispensado pela administração pública em Búzios não foi suficiente para ordenar sua urbanização. Não se pode negar, entretanto, que algumas medidas tomadas em prol da conservação do território foram bem sucedidas.

Em 1982, por exemplo, a câmara de vereadores de Cabo Frio, aprovou uma série de leis que colocassem sob controle o crescimento desordenado da cidade, criando inclusive o artigo 74 da lei n. 116 da Lei de Zoneamento Urbano de Cabo Frio, que restringe as construções em Búzios ao patamar máximo de dois andares. Na Lei Orgânica do município de Cabo Frio, também existem algumas disposições sobre o território de Búzios, como medidas de preservação previstas para suas lagoas. Não obstante, algumas destas leis têm sido freqüentemente ludibriadas ou desrespeitadas.

Em 1996 o distrito de Armação dos Búzios emancipou-se de Cabo Frio tornando-se um município. Em parte, este desmembramento político revelou o descontentamento da população buziana com a administração pública a qual estava submetida. Na verdade, não poderia ser diferente. Nos últimos anos a cidade se tornou um dos destinos de turismo mais procurados do Estado do Rio de Janeiro e o descaso dos administradores cabofrienses por seu distrito mais famoso se tornava claro aos olhos de todos os moradores e freqüentadores de Búzios. O acúmulo de lixo nas ruas tornou-se típico e corriqueiro. A falta de saneamento básico tornou praias, ruas e lagoas poluídas. O abastecimento de água tornou-se crítico. Búzios passou a ser conhecido por razões pouco nobres e desejáveis. A importância e a projeção que o balneário alcançara em todo o território nacional, motivou os buzianos, provocando-lhes o desejo de serem donos de si próprios e responsáveis pela sua cidade. Em outubro de 1996 um plebiscito, com grande repercussão na imprensa nacional, emancipou o então distrito, em um novo município: o município de Armação dos Búzios.



Lixo em uma rua de Geribá abaixo de uma placa colocada pela prefeitura de Cabo Frio que diz "Proibido jogar lixo"

Neste momento, se faz necessário esclarecer uma diferença básica entre atividade de veraneio e atividade de turismo. A atividade de veraneio, também chamada de atividade de turismo residencial (Barreto, 1991) é aquela baseada na existência dos chamados bairros de segunda residência. É uma atividade normalmente de baixo retorno municipal, pois a contribuição que produz fica restrita basicamente ao pagamento do IPTU. Na atividade de turismo propriamente dita, existe a demanda de equipamentos e serviços turísticos<sup>8</sup> além dos equipamentos e serviços de apoio (alimentação, assistência médica, serviços mecânicos, etc). Esta modalidade produz muito mais riquezas para o município, uma vez que alimenta toda uma rede de atividades econômicas.

---

<sup>8</sup> Segundo Barreto (1991) equipamentos turísticos são "aquelas instalações básicas para o turismo sem as quais ele não existe e que são construídas quase exclusivamente por causa dele. Hotéis, alojamentos extra-hoteleiros, transportadoras marítimas, aéreas ou terrestres, agências de viagens e transportes". Já serviços turísticos "são aqueles serviços que justificam a sua existência quase exclusivamente em virtude do turismo. Podem requerer um equipamento ou serem oferecidos por autônomos. Guias, hospedagem, transporte, recreação.

Em Búzios, assim como em toda a Região dos Lagos, a atividade de veraneio apoiada nos estabelecimentos de segundas-residências é a mais freqüente. Esta modalidade de turismo se torna perversa pois, atrai um tipo de público que não gera riquezas para o local, uma vez que até mesmo a compra de insumos básicos de consumo são normalmente feitos na cidade de origem, e ainda sobrecarrega a precária infraestrutura urbana existente.

Além do mais deveríamos levar em conta o conflito gerado pelo estabelecimento de realidades tão diferentes em um mesmo espaço. Ora, Búzios é uma cidade com seus quinze mil habitantes, e de repente passa a contar com mais de trinta mil (segundo estimativas da Prefeitura). O perfil sócio-econômico da cidade também apresenta flutuações muito grandes devido a este fluxo populacional. Como organizar uma rede de serviços, comércio e infraestrutura urbana em um espaço com tamanha flutuação? O desafio está lançado e espero que os planejadores públicos e privados possam produzir respostas rápidas e eficientes para que o território possa se reestruturar.

Neste trabalho, quando estiver falando da atividade turismo, estarei, na verdade, considerando ambas as categorias: atividades de turismo e atividades de veraneio, englobando ainda as atividades de lazer que são criadas em benefício conjunto dos turistas, dos veranistas e dos buzianos. Isto se deve ao fato de que estarei descrevendo as conseqüências do crescimento de uma cidade que se desenvolveu totalmente baseada nas diversas atividades de lazer, em um modo mais amplo. Talvez, em um estudo posterior, devesse aprofundar e diferenciar tais categorias. Hoje em dia, contudo, ainda é bastante difícil estabelecer os padrões de ocorrência de cada atividade específica, ou mesmo de modo geral, uma vez que os dados sobre a economia e a cartografia da cidade ainda não estão disponíveis, se encontram em fase de execução, pois a prefeitura de Cabo Frio nunca possuiu um controle efetivo sobre este território e a nova Prefeitura de Armação dos Búzios está agora efetuando um trabalho de cadastramento dos imóveis, lotes e demais construções existentes dentro de seus limites territoriais.

Assim, passemos adiante a um capítulo no qual abordaremos algumas das questões ou efeitos provocados pelo rápido e desordenado crescimento da cidade. Mais precisamente, abordaremos as questões que transformaram o meio ambiente de Búzios. E aí, então talvez possamos vir a entender melhor a razão do título “Da estagnação ao conflito”. Não poderia ser tão purista ao ponto de achar que antigamente a comunidade habitava o paraíso. Entretanto, não posso ser negligente a ponto de não observar que o crescimento da cidade tornou-a caótica, com sérios comprometimentos ao seu patrimônio natural e com uma dura e diversa realidade social, onde se repetem os mesmos padrões de desigualdade e segregação social que se processam em todo o país. Estes últimos fatores tem proporcionado uma queda do nível de atratividade turística que Búzios possui e tanto necessita.

Neste momento, uso as palavras de Rodrigues (1996) para melhor descrever esta situação: *“Ao se produzir um espaço para ser consumido como lugar turístico, destrói-se assim, as próprias condições que deram origem a esta ‘mercadoria’ que tanto é parte da indústria como de serviços. Um consumo coletivo da natureza que é ao mesmo tempo a destruição coletiva da mesma natureza”* e então concluir, segundo a visão de Ruschmann (1997), que *“o turismo destrói o turismo”*, referindo-se à *“teoria da autodestruição do turismo”* (HOLDER apud Ruschmann, 1997: 95).

Ainda assim, um dos aspectos que mais chama a atenção do espectador atento é o complexidade e a diversidade das variadas cidades sobrepostas sobre o mesmo território. Ora, Búzios é a cidade limpa e prazerosa que se vende nos cartões-postais e atrai os turistas de todo o mundo. No entanto, Búzios passa a ser vista como o espaço da continuidade das condições sociais injustas que levam uma população imigrante, saída do corte da cana ou das fazendas de gado do norte do Estado, a permanecer excluída em um contexto de crescimento social. Ainda pode ser um espaço de transformações sociais, culturais, ambientais, econômicas... na visão das comunidades tradicionais do lugar, que pouco a pouco vão assistindo o soerguimento

de um novo espaço dentro de um velho domínio. Existe ainda a Búzios dos agentes imobiliários que recortam o ambiente em lotes e emolduram o novo ambiente com ruas, placas, muros e vendas. Ou melhor será a Búzios da visão dos ambientalistas que a vêem naufragar por detrás de suas montanhas de lixo e gente?

A partir destas cidades concretas outras “*Cidades Invisíveis*”<sup>9</sup> constróem-se sobre este mesmo território, tornando-o ao mesmo tempo criador e criatura das novas e velhas formas de existência humana que assim tecem uma malha de infinitos retalhos e infinitos remendos de uma *urbis* em constante edificação.

---

<sup>9</sup>Italo Calvino, 1972

### 3. Efeitos Ambientais das Transformações Sofridas por Armação dos Búzios

*“As intervenções humanas quase nunca realizam as expectativas humanas”*

Warren Dean, 1995

À medida que transformações foram ocorrendo em Búzios devido à intensificação das interferências humanas, uma série de alterações foi se concretizando e dando uma outra forma ao território. A maneira de relacionar os efeitos ambientais às suas causas originais é uma tarefa complexa pois, para cumpri-la temos que visualizar o processo o mais holisticamente possível. Temos, então, que compreender o movimento de fluxos contínuos e caóticos que ocorreram neste meio ambiente, em um salto de aproximadamente quarenta anos.

Antes de começar a discutir os efeitos ambientais do turismo em Búzios, gostaria de esclarecer que estou partindo da perspectiva encontrada em Mathielson e Wall (1988) que julga que a atividade do turismo e a preservação ambiental são conflitantes.

No estudo realizado em Búzios, pude observar que o turismo ali praticado tem deteriorado o meio ambiente e portanto, resolví adotar tal premissa. No que diz respeito ao aspecto social, talvez algumas mudanças tenham propiciado mais facilidades para a vida das pessoas que residem em Búzios, mas não consigo concluir que houve mudanças positivas quanto ao aspecto físico deste território. A qualidade da água das praias piorou, a cobertura vegetal sofreu graves danos, lagoas, brejos e mangues foram aterrados. Deste modo observamos que o meio ambiente tem sido seriamente comprometido.

É ainda importante ressaltar que a atividade de veraneio ou segunda residência tem produzido as transformações mais fortes sobre o território. A atividade do turismo, propriamente dita, ocorre em menor escala e produz efeitos mais localizados quando

comparados com a atividade de veraneio. Mais uma vez, reafirmo a necessidade de dados estatísticos para podermos diferenciar melhor os dois setores, que neste trabalho são analisados sumariamente sob a observação das fotografias aéreas do capítulo dois.

### **3.1 Aspectos Sociais**

O primeiro movimento percebido são as diversas espécies de “trocas” ocorridas entre os nativos e os primeiros visitantes deste território. A importância destas trocas é que, provavelmente, introduziu de forma original a idéia e a possibilidade, aos nativos (pescadores e pequenos comerciantes) de poderem ganhar algum dinheiro com a venda de suas casas e terrenos a estes visitantes. A reboque desta situação é possível imaginar os primeiros nativos colocando-se a serviço destes veranistas.

Introduz-se assim, de forma mais eficaz, a lógica capitalista: o trabalho assalariado, a mais-valia e o início da especulação imobiliária. É justamente o processo decorrente desta lógica que produziu as mudanças ambientais neste território. As barreiras que isolavam Búzios do resto do município de Cabo Frio e do Brasil, foram rapidamente ultrapassadas com a construção de estradas, pondo um fim ao isolamento do distrito. Segundo Jorge Russo, empreiteiro e atual secretário da Associação de Pescadores de Manguinhos, em 1973 já existia um ônibus que fazia a viagem Búzios-Cabo Frio-Búzios duas vezes ao dia. Iniciava-se o processo de integração econômica que levou Búzios a participar de uma rede de turismo internacional ainda nos anos setenta.

O depoimento do senhor Rafael Almeida, 89 anos, morador de Búzios desde 1929 e avô do prefeito de Búzios, Mirinho Braga, ilustra bem esta passagem:

*“O pessoal que foi chegando foi comprando as casas dos pobres pra fazer casa boa na beira da praia. Mas o turista não escorraçou nós não, nós vendia pra melhorar a nossa situação e deu certo porque eu melhorei a minha e conheço muita gente que melhorou também. O turista deu uma grande saída pra Búzios. Depois da Brigitte Bardot veio muita gente de fora, porque viram que aqui era bonito. Eu vendi o lugar onde morava nos Ossos, por 9 mil cruzeiros e construí a minha casa (na rua da Brava) com o mesmo dinheiro. Mas é uma casa que tem sete cômodos, todos grandes, duas cisternas, área de serviço, boa cozinha... Nós melhoramos de vida ao ponto de alugar as casinhas boas que fizemos e ainda ter outra pra morar. Eu, por exemplo, faço isso, alugo a grande da frente e moro nos fundos.”*

As primeiras transformações espaciais começaram a ser percebidas quando as ruas que compreendiam a beira-mar da Praia dos Ossos e Armação, habitadas por famílias de pescadores, foram sendo incorporadas por famílias de veranistas. A comunidade local passaria a habitar os terrenos mais interiores, em um corte transversal às praias de origem ( Ossos e Armação ) devido à supervalorização dos terrenos à beira-mar. Este deslocamento espacial contribuiu para a redução da atividade pesqueira.

Vejamos as palavras do Sr. Carlos Henrique do Amaral:

*“Eles (os pescadores) não eram ricos porque não havia o conceito de rico e pobre. Tinha apenas o conceito do sujeito que estava vivendo normalmente. Eles eram maravilhosos e moravam na praia. Quando entrou muito turista com a história do dinheirinho, eles começaram a crescer o olho e muitos já estão morando nas favelas de Búzios”.*

Na prática, quase todos os pescadores acabaram vendendo ou, de alguma outra forma, foram perdendo suas casas e seus terrenos. Hoje em dia não existe sequer uma peixaria na praia dos Ossos ou na praia da Armação, redutos antigos dos pescadores. Destes, muitos conseguiram se estabelecer no comércio, na locação de pequenos

imóveis ou equipamentos, alguns chegaram até mesmo a montar pequenas pousadas, ao passo que, outros se tornaram trabalhadores assalariados para as novas atividades econômicas do município.

Com respeito a esta passagem, vejamos o que relata o Sr. Jorge Russo:

*“Em pescaria, Búzios não foi crescendo, pelo contrário, cresceu como um rabo de égua, cresceu pra baixo. Logo no início quando eu vim pra cá, inclusive eu tinha diversas dificuldades de arranjar mão-de-obra pras minhas obras, justamente porque a maior parte das pessoas que viviam e moravam aqui, os nativos, viviam da pesca, a pesca naquele tempo... realmente havia peixes em quantidade aqui. Lembro de pescarias do tempo do falecido Felipe, que era ali da Rua das Pedras. Ele ganhava a vida dele limpando cação, quando os barcos chegavam da praia. Esse Felipe (era um aleijadinho que morava ali) ele só em limpar cação ele ganhava a vida com aquilo e ganhava muito bem. Com o tempo isso foi diminuindo, diminuindo... Isso aconteceu por causa do esgoto e da pesca predatória... Hoje em dia os pescadores vivem atrás de mim pedindo trabalho. É muito mais seguro trabalhar numa obra e ter o que receber no final da semana, do que se arriscar três ou quatro dias no mar e voltar sem quase nada. Hoje em dia, por exemplo, a maior parte das pessoas que viviam de pesca, hoje tem seus barcos mais pra frete, pra turismo, pra fazer passeios, etc. Caiu muito a pesca aqui na região.”*

Entretanto, neste breve deslocamento espacial, algo mais se perdeu ou se ganhou de forma mais definitiva do que o sobe e desce das aquisições materiais desta comunidade. As famílias nativas que exerciam as atividades tradicionais foram quase completamente privadas de seu meio ambiente original. A chegada dos visitantes foi proporcionando a feição de uma nova ordem social, moral e ética a estas famílias. Hoje é difícil falar da identidade cultural dos nativos pois eles se encontram no meio de uma rede de grupos sociais.

A profundidade desta questão é matéria para um estudo mais detalhado. Na pesquisa que fiz pude extrair algumas conclusões. Primeiramente, a população atual de Búzios é constituída por diferentes classes e grupos sociais que convivem lado a lado dentro de uma lógica de segregação mútua. Entre os novos atores sociais pode-se destacar: os nativos, a “elite” buziana, os imigrantes “campistas”, os estrangeiros (turistas ou moradores), os veranistas e os turistas. Em geral, a existência destes grupos foi observada através de entrevistas individuais e coletivas feitas no decorrer do ano de 1996 com membros da comunidade de Búzios.

Esta análise, pretenciosamente sociológica, foi elaborada por mim mesmo e não tem um rigor epistemológico, tendo seguido uma metodologia empirista. Os grupos aqui analisados são apenas alguns escolhidos, entre muitos, de acordo com a importância de cada um deles para este trabalho. As entrevistas foram feitas informalmente com pessoas escolhidas entre os membros mais representantes e conscientes das transformações da comunidade buziana. Assim sendo, seguem-se algumas conclusões que pude chegar.

Em relação a si mesmos, os nativos se consideram os donos destituídos de seu território. Alguns consideram que a chegada do turismo lhes trouxe infortúnios e outros dizem que suas condições de vida melhoraram. Todos lamentam o atual estado de conservação da cidade e a impossibilidade de continuar a trabalhar em suas atividades tradicionais (pesca e agricultura de subsistência) que entraram em decadência. Possuem ainda duas importantes associações: a Colônia de Pescadores, na Rua das Pedras, e a Associação de Pescadores de Manguinhos, na praia de Manguinhos. A Colônia de Pescadores já não possui nenhuma atividade produtiva. Já a Associação de Manguinhos tem se firmado como o único entreposto de comercialização de peixes no município.

Entre as novas formas de sobrevivência da antiga comunidade de pescadores, destacam-se: os passeios de barco com turistas, o aluguel de casas que conseguiram

construir, o aluguel de equipamentos na praia como caiaques, cavalos e até jet-skis, bem como a venda ambulante também na praia, o serviço de caseiro, entre outros.



Praia cheia e novas formas de sobrevivência dos nativos

Na visão de muitos empresários de Búzios, os nativos são considerados de modo geral, despreparados para o trabalho de maior capacitação, como cargos de chefia ou gerenciamento. São normalmente associados ao trabalho assalariado do comércio ou braçal. Atualmente este tipo de argumento se tornou público, com as eleições municipais em 1996, quando o segmento da “elite” buziana apoiou unanimemente um candidato, da cidade do Rio de Janeiro, que foi derrotado. Esta elite tem se julgado melhor capacitada para dirigir o desenvolvimento da cidade, uma vez que Búzios se tornou uma cidade internacional. Claramente se percebeu o descontentamento de grande parte de membros desta elite quando o candidato vencedor das eleições foi um membro descendente da comunidade de pescadores de Búzios.

Quando tratamos de comunidades nativas de Búzios não podemos deixar de mencionar a comunidade da praia Raza. Sua origem remonta ao século passado quando o local foi ocupado por um quilombo. Mais tarde, no início deste século, os negros que ficaram nesta região passaram a trabalhar em uma fazenda de plantação de bananas aí existente. A dificuldade dos meios de transportes adequados para o

escoamento da produção acabaram por inviabilizar as atividades desta fazenda e aqueles que aí trabalhavam ficaram morando em seus arredores. Hoje em dia, os descendentes destas comunidades se encontram na Raza. Estes nativos dedicavam-se mais à atividade agrícola do que a pesca e têm sido sistematicamente excluídos do processo de desenvolvimento de Búzios.

A pobreza e a importância histórica deste grupo têm caminhado juntas. Entretanto este isolamento que separa a Raza das demais comunidades e do turismo, tem feito com que algumas de suas atividades tradicionais continuem em prática, como a agricultura de subsistência e a manufatura de objetos de argila e madeira.

Já os “campistas” são imigrantes provenientes das plantações de cana-de-açúcar de Campos e são discriminados por todos os outros segmentos. São considerados, segundo a maioria dos entrevistados, preguiçosos e pouco capacitados para o trabalho, de modo geral. Habitam os bairros mais carentes da cidade e trabalham, principalmente, na construção civil ou como empregadas domésticas. Muitos deles ainda podem se tornar caseiros. O nível de preconceito quanto a eles se equipara ao nível de preconceito dispensado aos nordestinos no centro-sul do Brasil.

Os estrangeiros são uma outra categoria. Na visão de alguns nativos entrevistados, estes podem ser imigrantes, turistas ou veranistas, não importa, são todos estrangeiros. Entretanto muitos estrangeiros habitam Búzios desde o início de sua “descoberta”. Muitos deles vieram para um período de férias e acabaram ficando ou voltando para morar. Geralmente investiram em pousadas ou restaurantes embora muitos estejam trabalhando como empregados assalariados. Segundo estimativas de Roze e Bernal existem mais de dois mil e quinhentos estrangeiros residindo em Búzios atualmente, o que representa quase 20% da população total.

De modo geral o comportamento dos nativos é marcado por uma forte xenofobia e, muitas vezes, nenhum “não nativo” escapa de seus preconceitos. Segundo

Mathielson and Wall (1982), o estágio inicial de euforia e entusiasmo dos nativos, provocado pelos benefícios que o desenvolvimento do turismo proporciona, se transforma em xenofobia e um sentimento de deterioração dos valores sociais quando percebem a queda da qualidade de vida local e subjugação social a que são submetidos.

Os turistas vêm ao ritmo de suas férias, chegam à cidade principalmente no verão para a alegria de todos os comerciantes e donos de pousadas e restaurantes. Afirmações dos donos de pousada e da Secretaria de Turismo de Búzios, dizem que o nível sócio-econômico dos visitantes de Búzios tem caído sensivelmente nos últimos anos. Segundo o secretário municipal de turismo, o Sr Isaac Tilinger, algumas pousadas têm feito um pacote que cobra U\$ 20,00 ao dia e atrai uma clientela que acabam não podendo consumir nada em Búzios, onde o custo de vida é alto. Os turistas trazem uma séria sobrecarga à cidade e cada vez menos retorno econômico durante suas estadas. Em entrevista recente (27/04/97) ao jornal “O Globo”, o sr. José Paulo Grasso, curador das Associação de Hotéis de Búzios, afirmou: *“Os preços de minha pousada não aumentam há uns seis anos, mas o nível dos frequentadores vem caindo. Meu estabelecimento anda vazio”*.

Os turistas movimentam as pousadas, os restaurantes, os bares e o comércio, gerando assim a fonte de renda da cidade. Muitas vezes os turistas preferem alugar casas ao invés de se hospedarem em pousadas. Isto torna a atividade do turismo menos lucrativa para a cidade, pois normalmente os proprietários das casas de veraneio não são de Búzios e a renda destes aluguéis não retorna à cidade.

Qualquer medida de planejamento da cidade deverá levar em conta o crescimento dos setores verdadeiramente turísticos (hotéis, pousadas, restaurantes, etc) assim como a melhoria da atratividade e da oferta turística de Búzios. Um dado interessante é que os turistas estrangeiros são na maior parte homens desacompanhados que chegam em

busca de sol, praias e companhia feminina. Empregar o termo “turismo sexual” talvez seja “forçar um pouco a barra”, mas este é um setor que tem crescido em Búzios.

Os veranistas, por sua vez, são aqueles que compraram ou construíram suas casas, isoladas ou em condomínios, e costumam ir a Búzios durante o verão e em feriados. Pertecem às camadas médias da cidade do Rio de Janeiro ou de Niterói. Existem entretanto aqueles que preferem alugar suas casas durante o verão, e frequentar Búzios nas baixas estações, quando a cidade é mais tranqüila.

Os loteamentos e condomínios provocam ainda a supervalorização do terreno e acabam por deslocar a população aí originalmente residente para locais mais distantes, geralmente na periferia do núcleo urbano. Além do mais, os condomínios produzem uma espécie de segregação espacial muito forte, uma vez que seus espaços não podem sequer ser vistos pela população e os condôminos não se interagem no contexto social local.

A chamada elite buziana é constituída por membros emigrados principalmente do Rio de Janeiro. Podem ainda, freqüentemente, ser também estrangeiros. São comerciantes, hoteleiros, “restauranteurs”, arquitetos, construtores, médicos, donos de bares, empregados do comércio, etc., que optaram por morar em Búzios. Na verdade o termo “elite” soa um pouco estranho porque passa a ser tudo o que não está contido nas outras classes e que possuam um nível sócio econômico razoável. Entretanto aí estão todos os empresários de Búzios e na verdade foram estes os primeiros investidores em Búzios. Normalmente, é uma classe atenta à questão ambiental o que não lhes impede de cometer alguns crimes nesta área, como tratamento inadequado ou inexistente de água e esgoto de suas pousadas e restaurantes, construções em costões rochosos protegidos por lei, depósito de lixo em terrenos baldios além de pagarem salários baixíssimos aos seus empregados sem qualquer benefício social ou vínculo empregatício.

Por último, gostaria de citar um grupo que vem ganhando espaço nas praias de Búzios, principalmente em Geribá, que são os farofeiros. Grupo típico das praias brasileiras nos dias de domingo, principalmente nas que se situam em um raio de até três horas de viagem de um grande centro urbano, são representantes de classes sócio-econômicas menos privilegiadas. Normalmente fazem uma jornada que dura de 12 a 15 horas, saindo muito cedo (quando ainda está escuro) dos subúrbios dos grandes centros, chegando de manhã bem cedo aos destinos escolhidos retornando ao final do dia para suas cidades de origem depois de haver passado todo o dia na praia.

Um grupo de farofeiros típico carrega, nos ônibus fretados que os transportam, todos os itens de consumo de que necessitam durante sua curta viagem: comida, refrigerantes, cerveja, etc. A presença destes é sempre vista com desagrado pelos moradores locais pois, depois que estes se vão, a “farofa” parece continuar na praia, ou seja, normalmente deixam todo o tipo de lixo - restos de comida, garrafas, papéis, etc - por onde passam. Este comportamento é também comum a todas as classes freqüentadoras de Búzios. Raramente se vê alguém que junte e leve para um cesto o lixo que produziu.

Creio que estas últimas questões são muito mais importantes do que parecem ser. Em primeiro lugar, temos que entender que as classes pobres também têm direito a fazer turismo e como não podem pagar por aluguéis em estações de veraneio, acabam buscando formas originais de ter o seu domingo na praia ou em qualquer outro lugar que desejem estar. Uma verdadeira política de planejamento de turismo, deveria levar este aspecto em consideração e assim, pensar formas de viabilizar o turismo feito com fins sociais.

Em segundo lugar, diria que também é necessário se pensar formas de controle sobre estes grupos para que não façam da praia um cesto de lixo, controle este que deverá ser estendido aos demais freqüentadores das praias de Búzios ou de qualquer outra

parte do país. Afinal de contas, é uma questão do exercício da cidadania, a tarefa de colaborar com a limpeza do meio ambiente em que vivemos. A esta tarefa árdua de ensinar os brasileiros a se tornarem verdadeiros cidadãos, deverão ser incorporados os ensinamentos da educação ambiental, trabalho este a a ser ajustado à atividade de turismo da população.

A vinda destes novos atores sociais deu origem a uma nova realidade, com novos padrões morais, éticos e culturais, resultantes da interação entre estes grupos e a chegada das novas atividades de turismo.

Lea (1988) aponta uma estreita relação entre turismo, prostituição, tráfico de drogas e aumento da criminalidade, principalmente nos países do terceiro mundo. Búzios não foge a este padrão. Ao que parece, a cidade faz parte de uma ou mais redes de narcotráfico no nível nacional e internacional. No centro da cidade não é difícil ser abordado por 'garotas de programa', muitas vezes filhas de pescadores e é só ler os jornais para descobrir que a criminalidade na cidade está em alta.

Ao mesmo tempo, a cidade se vê inundada de igrejas diversas. As chamadas igrejas evangélicas estão presentes em todo o território. Cria-se assim, um contraponto entre uma forma de moral bastante rígida e uma moral decadente. Este confronto gera uma hostilidade entre nativos, evangélicos, turistas e demais grupos.

A resposta para muitos destes conflitos pode ser medida pela criminalidade local. Segundo Lea (1988) a pressão do fluxo de turistas pode gerar um "stress" populacional e aumentar a criminalidade local. Em Búzios são frequentes as ocorrências de estupros e assaltos com violência, além de homicídios, que sempre aumentam na época do verão. A influência do tráfico de drogas funciona como estímulo à violência seja no âmbito psicológico dos usuários, seja na popularização do uso de armas pelos traficantes ou na presença mais marcante da polícia.

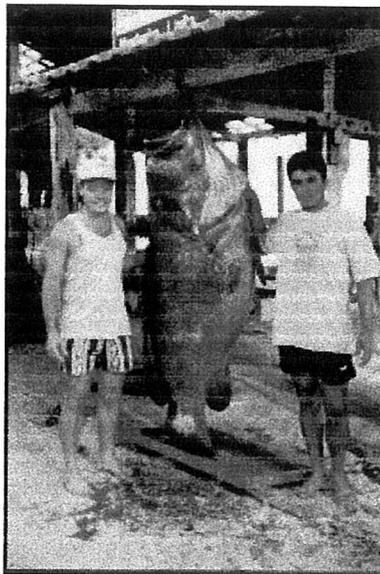
Segundo Mathielson e Wall (1982), com a chegada do turismo, novos padrões de consumo atingem as comunidades nativas, transformando sua cultura e desvalorizando os padrões de produção existentes. A produção manufatureira tende a se extinguir rapidamente ou, no mínimo, a sofrer grandes transformações com o assalariamento da mão-de-obra. Em Búzios, por exemplo, os artesãos não possuem um mercado efetivo e os cozinheiros dos restaurantes são quase sempre de fora. Os restaurantes da cidade nunca tiveram a preocupação de produzir uma culinária típica, com aproveitamento da mão-de-obra e dos produtos da região. Naturalmente os frutos do mar se tornaram o carro chefe da cozinha buziana, mas na maioria dos casos, os restaurantes fazem suas compras de pescado no entreposto de Cabo Frio, Niterói e Rio de Janeiro, devido à inconstância do abastecimento da pesca de Búzios.

Em Búzios pode-se encontrar lojas de grifes conhecidas em todo o Brasil e muito dificilmente são encontradas lojas de artesanatos locais. Sob este ponto de vista a cultura nativa parece ter desaparecido.

Vejamos as palavras do Sr. Luiz Otávio da Silva, em seus quarenta anos de vida, todos vividos na praia de Manguinhos:

*“Antigamente as meninas de Búzios se casavam com os pescadores, hoje em dia não tem uma estrutura cultural. O buziano perdeu sua origem, não tem festa do Bumba Meu Boi, se acabou. Culpa do turismo. Quando eu era garoto o mês de janeiro todo tinha Bumba Meu Boi. A futura administração tem que fazer alguma coisa, as origens se apagaram. Conheço gente aqui em Búzios que nunca leu um livro, mas copia as palavras, os gestos dos turistas que vem prá cá. A nível cultural foi difícil conviver com o turismo, as pessoas foram influenciadas por essa coisa meio enganosa, que vai ter emprego prá todo mundo. Mas quem é que está rico aqui em Búzios? Não são os nativos, que moram agora na periferia, Jardim Esperança, Cem Braças. Foi isso que o turismo desordenado trouxe. Aonde é que a gente vai chegar?”*

Neste momento se impõe uma pergunta. Não será necessário resgatar o meio-ambiente para perpetuar a atratividade do lugar? Não será necessário



Mero de 150 Kg pescado em 12/05/97 em Búzios, entre os pescadores Jandir e Marquinhos na Associação de Pescadores de Manguinhos

promover o resgate das atividades tradicionais para que o próprio turismo se desenvolva melhor?

Estas questões podem ser facilmente respondidas mas não tão facilmente trabalhadas, o que não quer dizer que não se possa trabalhá-las. Para recuperar as atividades tradicionais, teríamos obrigatoriamente que recuperar a pesca. O IBAMA vem fazendo há alguns anos uma fiscalização eficiente sobre a pesca de alevinos e pesca em época de reprodução em toda a Região dos Lagos.

Embora não haja unanimidade entre os ambientalistas de Búzios, se atribui a esta ação política o crescimento do volume de pesca de algumas espécies nesta costa, e também o aumento do número de tubarões e meros de grande porte capturados próximo à costa de Búzios nos últimos anos. O problema é que nem mesmo o aumento do volume da pesca tem servido para melhorar a situação dos pescadores

pois muitas vezes não há para quem vender o produto. Na fotografia anterior está retratado um mero de 150 quilogramas pescado no dia 12 de maio do ano corrente e que depois de muito circular pela cidade, foi repartido entre as famílias de alguns pescadores devido à falta de compradores, uma vez que as peixarias locais tem baixo volume de vendas e os restaurantes compram seus produtos em estoque fora do município.

A complexidade dos efeitos sociais do desenvolvimento do turismo em Búzios é enorme e muitas vezes os efeitos sofridos pela modernização da sociedade se confundem com os efeitos causados especificamente pelo turismo. Como a modernização de Búzios se fez por via do desenvolvimento do turismo, muitas vezes os efeitos sociais analisados extrapolam o objeto central de nosso estudo.

Búzios se tornou uma grande “Babel”: vários idiomas, várias realidades e muitos problemas. As perdas culturais da sociedade nativa são enormes. Muitos valores foram perdidos no contato com o mundo moderno. O empobrecimento cultural compromete não somente a atratividade turística, mas também a expectativa de promover o desenvolvimento sustentável neste território, pois os nativos são os que tem melhor conhecimento das atividades produtivas que melhor se ajustam ao meio ambiente em questão.

### **3.2 Aspectos Físicos das alterações ocorridas em Armação dos Búzios**

No bojo das transformações sociais abordadas no capítulo anterior, uma série de alterações no “meio natural” foram se processando. A corrida imobiliária, a ausência efetiva do poder público e a falta de consciência dos cidadãos têm sido os maiores agentes causadores dos impactos físicos em Búzios. Se olharmos as fotografias aéreas número 1 e 2, veremos que todo o território de Búzios está recortado por

estradas, ruas, loteamentos, condomínios casas, etc. Comparando a fotografia mais antiga (início década de 1970) com a de 1993, poderemos perceber a rapidez em que este processo de retalhação do território aconteceu.

Alguns aspectos, entretanto, fogem aos olhos de quem analisa tais fotografias. Os brejos, as lagoas e os mangues estão presentes na primeira fotografia e já desapareceram na segunda. Jamais poderíamos ver os esgotos que correm nas galerias de águas pluviais que desaguam nas lagoas e nas praias. Nem tão pouco o lixo acumulado nas ruas e nas praias. Com alguma sorte poderemos ver a lagoa de Geribá nos dois momentos distintos e perceber a redução de seu espelho d'água.

O estudo elaborado neste capítulo é fruto de uma pesquisa em campo, onde foram sendo constatadas algumas alterações que foram posteriormente sendo confirmadas através de entrevistas com membros da comunidade, análise dos dados climáticos, análise dos dados sobre balneabilidade fornecidos pela FEEMA, além da leitura de alguns trabalhos e artigos publicados (principalmente do jornal "O Buziano"). A observação das fotografias aéreas contidas no capítulo dois serviram também de material de apoio a este capítulo assim como para a confecção do "overlay" da lagoa de Geribá.

### **3.2.1 Alterações Geoecológicas**

Como aspectos geoecológicos estou considerando todas as formas dinâmicas da paisagem natural, como as lagoas, as praias, os brejos, os mangues, o clima, as colinas, as planícies, e a cobertura vegetal que as envolve. A ação do homem tem contribuído historicamente para a transformação da geoecologia dos ambientes. Ao desmatar uma área, por exemplo, poderemos estar criando um fator de erosão, uma mudança climática, o empobrecimento cênico e ambiental, entre outros possíveis impactos.

Desta forma, sou levado a pensar que o crescimento desordenado e as transformações sociais que Búzios sofreu nos últimos anos têm causado alguns efeitos em seu território do ponto de vista geocológico.

Na verdade, este território vem sofrendo interferências desde o século XVI com a colonização portuguesa e a pirataria francesa na costa fluminense. Os franceses que por aqui passavam, vinham para extrair produtos de interesse. Os portugueses chegavam para colonizar. Décadas a fio, a região sofreu com a extração do pau-brasil, que existia em abundância na região.

A caça às baleias, outra atividade que produziu um grande dinamismo ambiental nesta região a partir do século XVII, parece ter terminado no século XVIII. A partir do século XIX o desenvolvimento agrícola atingiu este povoado. Entretanto, com o relativo fracasso desta atividade, Búzios viveu um período de poucas atividades econômicas, até a chegada dos turistas.

Ao longo destes séculos, a floresta da região (Mata Atlântica) foi sendo destruída. Hoje em dia, encontra-se apenas vestígios da vegetação original, sob a forma de capoeiras em áreas de planície, recobrando ilhas e principais elevações mas que entanto constituem um material muito importante do patrimônio ambiental da região. Assim como a vegetação, a comunidade indígena nativa (tupinambás) foi praticamente exterminada ou sofreu processos definitivos de aculturação durante o período colonial (Roze e Bernal, 1996).

A destruição da cobertura vegetal tem sido relacionada ao agravamento da escassez de água potável na região. Segundo ainda Roze e Bernal (1996), “A cobertura vegetal ajuda na regulação e circulação da água da região, maximiza a disponibilidade de água e previne inundações. Dependendo da espécie, em condições favoráveis,

cada árvore ajuda a prover 5 litros diários de água no nível freático que fornece água para o consumo humano”.

Nesta mesma pesquisa, os autores apontam que a população da região (Búzios/Cabo Frio) faz uso de 70 espécies de plantas medicinais, todas catalogadas em um estudo feito pelo Departamento de Biologia da City University of New York. Muitas destas plantas já correm risco de desaparecer. Este o uso destas plantas constitui uma mistura das práticas medicinais dos Tupinambás (índios nativos da região) com as provenientes dos imigrantes europeus e dos escravos africanos.

Búzios é um território formado por colinas e maciços costeiros com a ocorrência de vários costões rochosos. Estas áreas vêm apresentando problemas quanto à ocupação por loteamentos, onde as encostas estão sendo desmatadas, o que tem gerado problemas de erosão. Um outro tipo de formação que permanecia intocada, até poucos anos atrás, eram as dunas da praia de Tucuns e que, muito recentemente, têm sido aplainadas para a implantação de loteamentos ilícitos.

A formação das colinas e maciços costeiros, assim como da planície marinha ocorreu no período quaternário, posterior à Formação Barreiras<sup>10</sup>, com alguns pontões cristalinos e relevos isolados que chegam até o litoral. O solo nesta área é raso e apresenta grande suscetibilidade à erosão. No pelistoceno o clima do sudeste brasileiro era mais frio e semi-árido. No holoceno houve a umidificação do clima, e esta microregião conservou-se com clima seco. A vegetação de cactáceas e as paleoformas no relevo são heranças do pleistoceno.

Nos maciços costeiros de Búzios, segundo o Perfil Ambiental do Município de Cabo Frio (FEEMA, 1988), “encontram-se três tipos de associações vegetais, a saber:

---

<sup>10</sup> Informação obtida das anotações de aula de “Espaço Físico Brasileiro” e confirmados *a posteriori* com a professora Lucy Haak Pinto.

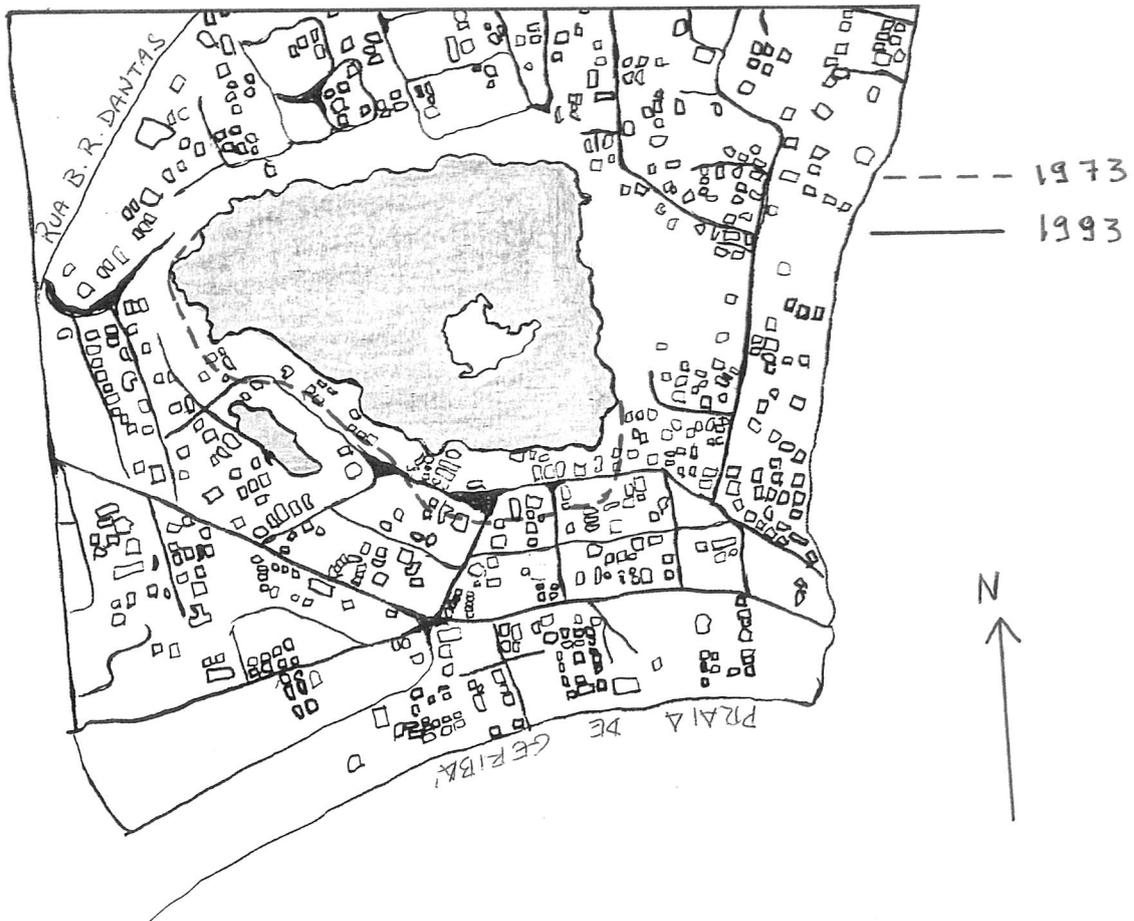
- a) vegetação dos costões em lugares de difícil acesso e de composição florística desconhecida, exibe pelo menos duas espécies endêmicas: *Tillandsia neglecta* e *Tillandsia gardneri* variedade *rupicola*;
- b) vegetação arbustiva de encosta - compreende vários emaranhados de até 5m de altura estabelecidos em declividades bastante acentuadas. Encontram-se relativamente em bom estado de preservação nos morros de Búzios, onde ocorre o *Cactus pilosocereus*, endêmico na região;
- c) mata de encosta encontrada em trechos mais abrigados nos morros, com árvores altas e sub-bosque bem desenvolvido. Apresenta especificidades, como as raras espécies de *Erythroxylum virgultosum* e *Sebastiania gaudichandii*."

Já nas planícies marinhas que dominam a paisagem à beira mar, a vegetação é caracterizada pela herbácea praiana, que se distribui nas primeiras faixas da praia sob os fortes efeitos das marés altas e do salsugem. Este tipo de vegetação é encontrada em poucas praias de Búzios tal como trechos de Geribá, Raza e José Gonçalves.

Antes da urbanização, Búzios possuía um bom inventário de brejos, mangues e lagoas, que permaneciam quase intactos. Segundo relato de antigos moradores, até pouco tempo atrás se podia ir de canoa da Praia dos Ossos até a Praia da Ferradura atravessando os brejos que haviam entre as duas praias. Hoje em dia, existem poucos sinais da existência deles. Na fotografia aérea I podemos enxergar estes brejos que na fotografia II estão praticamente extintos. A seguir podemos observar a diminuição do espelho d'água da Lagoa de Geribá em um espaço de 20 anos.

Além do aterro proposital, muitos brejos e lagoas vêm sofrendo um desenfreado assoreamento, resultante do transporte de sedimentos proveniente de morros e colinas em processo de erosão conseqüente à retirada da cobertura vegetal para empreendimentos imobiliários, nem sempre concluídos. O despejo de esgoto nestes ambientes também tem contribuído para este processo de assoreamento. A SERLA

Lagoa de Geribá  
(overlay feito sobre fotografias aéreas de 1973 e 1993)



Neste overlay podemos observar a diminuição do espelho de água da lagoa num período de 20 anos, devido aos sucessivos aterros. A lagoa também tem sofrido com o despejo de esgoto *in natura* das residências ao seu redor.

constatou, ainda, a ocorrência de salinização do Lago da Tartaruga (água doce) com uma forte alteração em seu ecossistema devido ao despejo de resíduos salinos do equipamento de desalinização de água de uma pousada dos arredores.

A ciranda imobiliária causada pela chegada dos turistas a partir dos anos sessenta provocou intervenções tipicamente urbanas neste território. Em pouco tempo os terrenos próximos à Praia dos Ossos, Canto e Armação não seriam suficientes para a expansão urbana. Novas ruas modificaram o traçado urbano e ambiental da península. Para que fossem satisfeitas as novas necessidades da população e dos turistas, os brejos e lagoas começaram a ser aterrados. A Praia da Ferradura, Mangueiros e Geribá passaram a ser os novos pontos de expansão. Ruas, como esta mostrada na foto que se segue, foram abertas sem jamais serem urbanizadas e hoje sofrem processo de erosão e má conservação. A corrida imobiliária produziu cortes no território e uma progressiva destruição das comunidades vegetais e animais. Analisando a fotografia aérea número II, estimo que a urbanização já tenha atingido quase 2/3 da totalidade do território da península e a vegetação “primitiva” fica restrita a resquílios isolados, divididos pelos loteamentos e arruamentos do município.

Nas praias um novo fenômeno tem modificado fortemente a fauna marinha. São as escunas, as lanchas, os jet-skys e todos os tipos de motonáuticos. Os motores destas embarcações soltam grandes quantidades de óleo combustível nas águas, além de fazerem um barulho altíssimo que espanta os peixes das praias e das baías. Na praia da Ferradura, antiga baía de desova de peixes, por exemplo, o uso sistemático destes veículos provocou o desaparecimento de parte considerável da fauna marinha existente. O uso destes motonáuticos tem se popularizado em Búzios e em muitos casos incomoda os banhistas com o perigo e o ruído que produzem, pois na maioria das vezes, não respeitam os limites de velocidade e de proximidade da faixa praiana, onde alguns acidentes tem sido registrados.

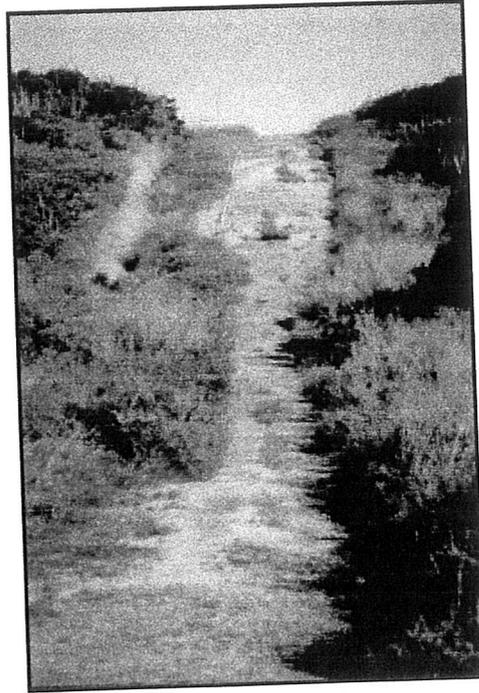


Foto de rua na Praia da Ferradura em processo de erosão

Existem outros aspectos relacionados à chegada dos turistas como por exemplo: a coleta de plantas nativas e conchas nas praias também altera ciclos de reciclagem da natureza e destróem os nichos ecológicos de espécies selvagens. Também há de se considerar o acúmulo de lixo em todos os ambientes freqüentados pelos turistas como praias, ilhas, colinas, lagoas, costões rochosos, etc.

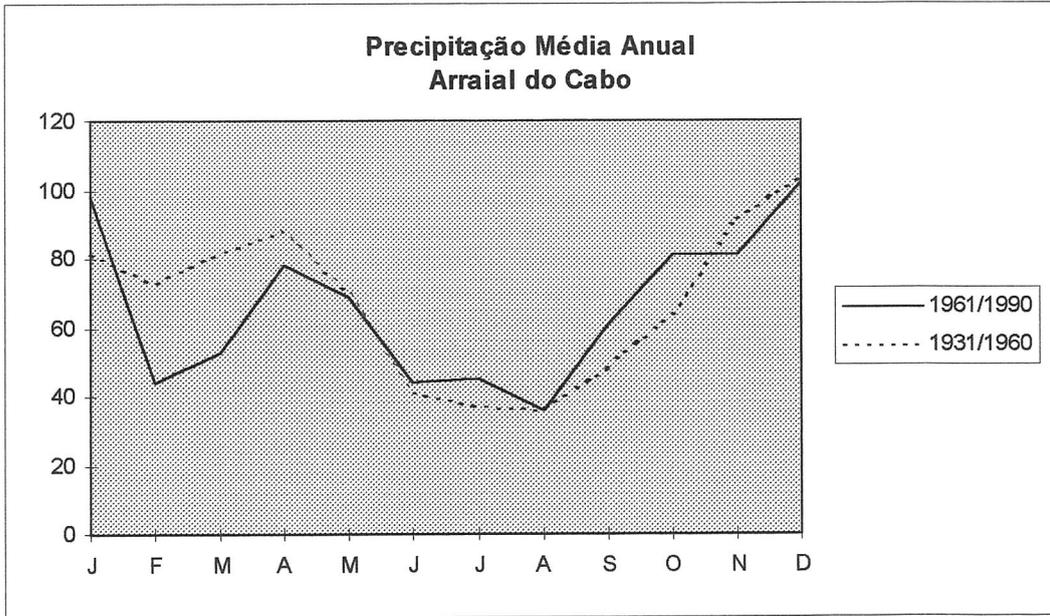
A fauna existente nestes territórios tem sido praticamente exterminada ou relegada às “manchas” ou resquícios da vegetação nativa. Entre as espécies da região destacam-se tamanduás, pacas, papagaios, colibris, tucanos, o endêmico gavião branco e uma população de mico-leão dourados, encontrados na Serra das Emerências. Algumas destas espécies se encontram em extinção nesta região.

Esta região possui baixo índice de precipitação com chuvas bem distribuídas durante todo o ano (ver gráfico 1). A temperatura média anual é de  $23,2^{\circ}$  C, com períodos de altas entre os meses de novembro a março (ver gráfico 2). Segundo a classificação

excesso de água, mesotérmico, com calor bem distribuído durante o ano todo. Os dados utilizados para a classificação climática e para a montagem dos gráficos foram cedidos pela Companhia Nacional de Álcalis situada no município de Arraial do Cabo, cidade pertencente à Região dos Lagos. Estes dados são os mais confiáveis de toda a região e por isso foram utilizados neste trabalho.

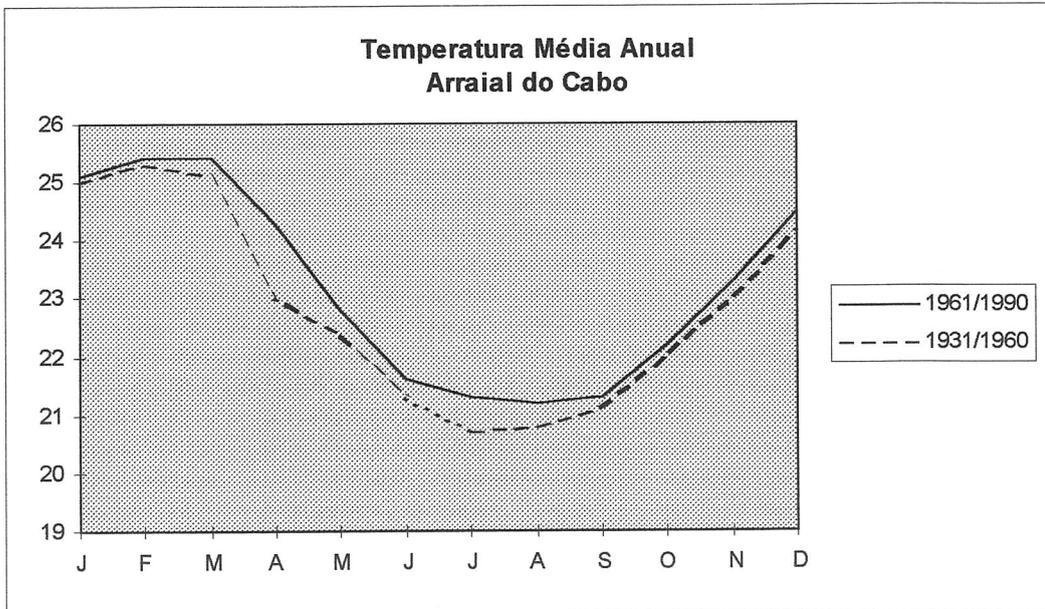
O fenômeno da ressurgência (emersão das águas frias das profundezas) que ocorre nas proximidades litorâneas, a posição do seu litoral que avança em direção ao oceano (que sofre influência da corrente fria das Malvinas) com relevo bastante plano e fortes ventos nordeste com média anual de 9m/s, fazem desta região a de menor precipitação de todo o Estado. O fenômeno da ressurgência é ainda responsável pelo transporte de nutrientes para a superfície costeira, o que beneficia a concentração de plâncton e a atividade pesqueira da região.

Gráfico 1



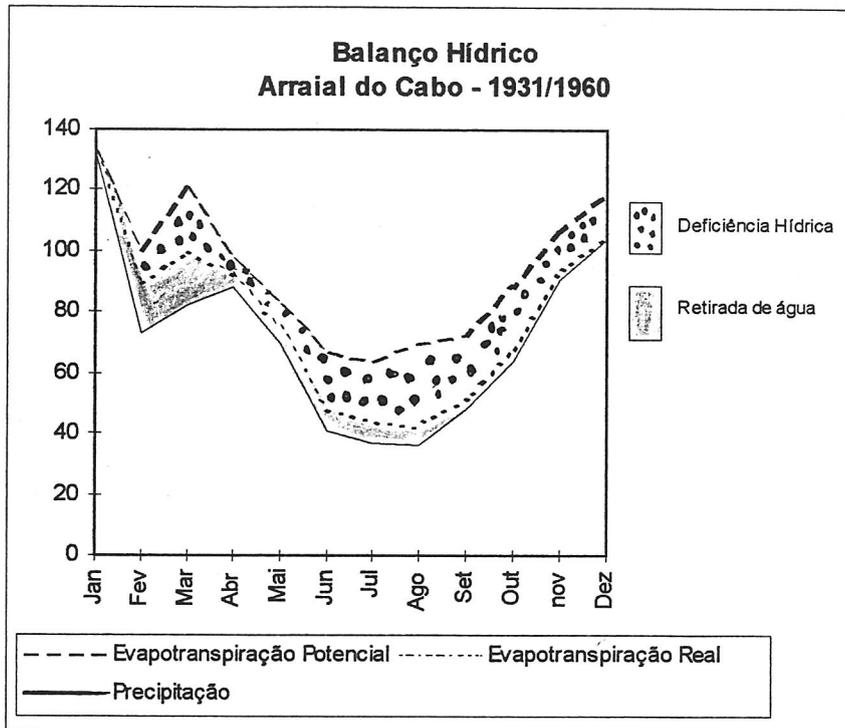
Fonte : Companhia Nacional de Álcalis

Gráfico 2



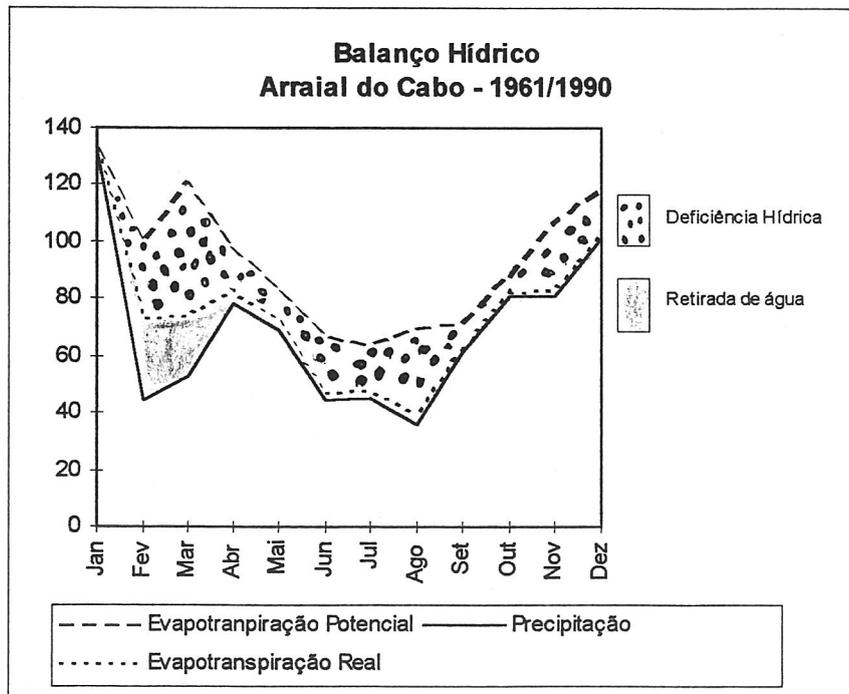
Fonte : Companhia Nacional de Álcalis

Gráfico 3



Fonte: Companhia Nacional de Álcalis

Gráfico 4



Fonte: Companhia Nacional de Álcalis

Através da análise do comportamento da temperatura e da precipitação na Região dos Lagos, podemos observar uma certa alteração climática. Muito provavelmente, o desmatamento e o aterro de lagoas, mangues e brejos de todos os municípios da região, têm causado mudanças microclimáticas.

Comparando as linhas de pluviosidade do gráfico n. 1 observamos que houve uma sensível redução entre os períodos de 1931-1960 e 1961-1990. Se a baixa precipitação na região serve como atrativo turístico, ela representa também uma das principais problemáticas da região: o abastecimento de água. As fontes de água para a região se encontram a mais de 70 km de distância e a montagem de infra-estrutura necessária para captação de água é extremamente ineficiente, principalmente no período do verão, quando a população, de modo geral, é multiplicada, devido ao fluxo de turistas e veranistas. Os lençóis freáticos não são suficientes ou confiáveis para o abastecimento do município pois, muitos já se encontram contaminados por excesso de esgotos lançados nas fossas, sem tratamento devido. Durante o verão as fossas e o solo ficam saturados com a quantidade excessiva de esgoto produzido que “brota” em todas as ruas. A solução para o problema do fornecimento de água tem sido os caminhões pipas que não possuem padrões sanitários satisfatórios e contribuem para a deterioração e engarrafamento das vias de transporte públicas.

A CEDAE estabeleceu um acordo com os chamados “pipeiros” (proprietários de caminhões-pipa), quando o consumo de água em Búzios cresceu e chegou a um nível que seus caminhões já não conseguiam mais suprir. Assim, os pipeiros deveriam “dar” a primeira viagem do dia à CEDAE (destinada às escolas, postos de saúde e demais serviços públicos) e, com isto, poderiam explorar o comércio da água para o resto da população. Na prática, o que se observou, foi a “carterização” do fornecimento de água em Búzios com os pipeiros extipulando os valores que bem entendessem e desrespeitando cada vez mais as normas do controle sanitário exigidas para o transporte da água.

Nos gráficos 3 e 4 podemos observar os balanços hídricos referentes a Arraial do Cabo e representam a realidade da região. Podemos observar através deles que o balanço hídrico é negativo em todos os meses do ano e tem se agravado no último período analisado (1961/1990). Este déficit hídrico está relacionado com a presença de cactáceas na região e também com o aumento de temperatura observado no gráfico 2.

A elevação da temperatura também é causada pelo desmatamento e pela crescente urbanização. Quando comparamos as curvas de temperatura do gráfico 2 (1931-1960 e 1961-1990) notamos um pequeno aumento nas últimas décadas.

Com isto, concluímos que o clima na região dos Lagos tem se tornado algo mais quente e seco, o que pode comprometer as condições ambientais. Esta alteração microclimática aparece ligada aos efeitos do turismo, pois ele é o grande propulsor da urbanização que tem modificado tão fortemente o meio ambiente regional.

Todos estes aspectos sobrecarregam a capacidade de carga do local, especialmente na temporada do verão, seja do nível de sobrecarga dos empreendimentos urbanos locais, seja da suportabilidade da natureza.

### **3.2.2 Balneabilidade**

A balneabilidade constitui um conjunto de fatores que indicam as condições de contaminação da água para uso de contato primário (esqui aquático, natação e mergulho).

Analisado enquanto impacto ambiental das atividades de turismo e lazer em Búzios, o quesito balneabilidade deve ser entendido como resultante do cuidado, que se teve ou não, com a rede pública e privada de escoamento de águas e esgoto. A avaliação da balneabilidade é de fundamental importância para um estudo de impactos ambientais em Búzios pois, neste território se desenvolve o turismo do tipo “sol e praia” onde a qualidade ambiental de suas praias determina de forma singular a atratividade do turismo.

Ao constatar que, ao menos algumas das praias buzianas estão em condições impróprias de balneabilidade, estaremos constatando o risco de contaminação à saúde pública e, conseqüentemente, a decadência de atratividade turística local. Se juntarmos a isto o empobrecimento visual devido ao desmatamento, à ocupação dos costões rochosos e da faixa praiana (incluindo áreas de restingas), assim como o acúmulo de lixo nas praias e na cidade, construiremos, então um quadro pessimista quanto ao futuro deste território.

Felizmente, ao que parece, com a emancipação do distrito de Armação dos Búzios e a criação do novo município, uma nova administração pública se inicia e assistiremos, quem sabe, a reversão desta tendência.

A balneabilidade é um quesito técnico, classificado pelo CONAMA, contido na resolução n. 20/86, art. 26. O monitoramento da balneabilidade estabelece a classificação e constata a “presença de esgotos nas águas costeiras destinadas ao uso do lazer e recreação de contato primário” (Midaglia, 1996).

A presença de esgoto nas águas costeiras é verificado através de coletas de amostras que são feitas no local e levadas a exame laboratorial onde são feitas contagens colimétricas, ou seja o número de coliformes fecais prováveis (NMP) encontrados em 100ml de amostra. O CONAMA estabelece as seguintes categorias:

Tabela 2

## Classificação das águas segundo exames colimétricos

<b>Categorias</b>	<b>NMP* de coliformes fecais/100ml</b>
<b>Excelente</b>	máximo de 250 em 80% ou mais do tempo
<b>Muito Boa</b>	máximo de 500 em 80% ou mais do tempo
<b>Satisfatória</b>	máximo de 1.000 em 80% ou mais do tempo
<b>Imprópria</b>	superior a 1.000 em mais de 20% do tempo

\* NMP = Número mais provável

Seguindo esta classificação padrão do CONAMA, podemos verificar a tabela de resultados de exames colimétricos obtidos pelo monitoramento de 14 estações de amostragem controladas pela FEEMA, em um total de 12 das 23 praias de Búzios. Estes dados se referem a coletas feitas entre abril de 1994 a junho de 1996. A partir desta tabela estabeleceremos os padrões de balneabilidade das praias de Búzios, com ressalvas metodológicas, pois apesar de toda a boa vontade, a FEEMA tem passado por problemas de ordem financeira e administrativa.

O monitoramento só tem sido feito mensalmente e de forma irregular, quando a recomendação do CONAMA é que sejam efetivadas 3 coletas semanais. Devido à esta deficiência no monitoramento, a metodologia de avaliação para a construção dos gráficos de balneabilidade teve de ser feita na contagem parcial dos resultados sem conjugá-los aos resultados anteriores. Ou seja, segundo o CONAMA, para se determinar que uma praia está imprópria, ou não, para a balneabilidade, temos que considerar os cinco últimos resultados, e então aplicar a classificação da tabela II. Acontece que no caso de Búzios, e de toda a Região dos Lagos, ao considerarmos os cinco últimos resultados, estaríamos avaliando os testes feitos a cinco meses atrás. Assim sendo, segui a recomendação de Carmem Midaglia (CETESB) de classificar estas praias sem a contagem sugerida pelo CONAMA. A própria FEEMA reconhece a ineficácia de seu trabalho. Entretanto, são estes os únicos parâmetros que existem sobre a qualidade das praias de Búzios.

Mas, afinal o que realmente determina a balneabilidade?

A balneabilidade se refere ao número de coliformes fecais, uma bactéria, que é encontrado em 100ml de água coletada. Os coliformes, assim como outros tipos de bactérias, vírus e protozoários são lançados nos rios, mares, lagos e lagoas através do fluxo de esgoto humano ou animal, não devidamente tratados, que é jogado diretamente nestes logradouros ou em redes de escoamento fluvial.

O grupo Coliforme é comumente presente nos excrementos humanos e servem portanto de indicadores, uma vez que não são patogênicos, apenas servem para indicar a presença de esgoto em determinada estação. Ao encontrarmos o grupo coliforme em nosso monitoramento, sabemos que corremos alto risco de nos depararmos também com outros grupos de microrganismos que podem ser patogênicos, provenientes de organismos humanos ou animais contaminados. Assim os Coliformes funcionam apenas indicadores de poluição.

As doenças contraídas pelo contato primário com a água contaminada por esgoto são erupções cutâneas, gastroenterites, furúnculos e, em casos mais raros, hepatite. No verão de 1997 foram constatados alguns casos de contaminação de furúnculos em frequentadores da praia de Geribá. Ao que parece, a razão foi justamente a contaminação por esgoto devido à uma “língua negra” no canto esquerdo da praia, que provocava sobretudo, um cheiro bastante desagradável.

Segundo Pelczar/Reid/Chan, 1982 “O despejo de esgotos imprópriamente tratados leva a:

- 1 - Maior possibilidade para a disseminação de germes patogênicos.
- 2 - Maior perigo na utilização das extensões naturais de água como suprimento potável.

- 3 - A contaminação de ostras e de outros moluscos pela poluição fazem-nos inseguros para a alimentação humana.
- 4 - Grandes perdas na população de aves aquáticas, devido à contaminação de suas fontes nutritivas.
- 5 - Maior perigo em nadar nas águas poluídas, com diminuição do valor das mesmas para fins recreacionais
- 6 - Depleção do suprimento de oxigênio da água pela presença de matéria orgânica instável no esgoto, o que leva à morte os seres vivos aquáticos.
- 7- Criação de uma série de condições objetáveis, tais como odores agressivos e acúmulo de detritos, com redução dos valores de propriedade”.

Assim, além do risco de infecção humana, o lançamento de esgoto *in natura* acarreta mudanças na composição bioquímica do ambiente, como por exemplo, o aumento da DBO<sup>11</sup> em lagoas afetadas por descargas desta natureza que, por competição bacteriológica, elimina a vida aquática dos ecossistemas lacustres. De fato, em Búzios algumas lagoas apresentam baixíssimos níveis de biodiversidade e alto grau de assoreamento.

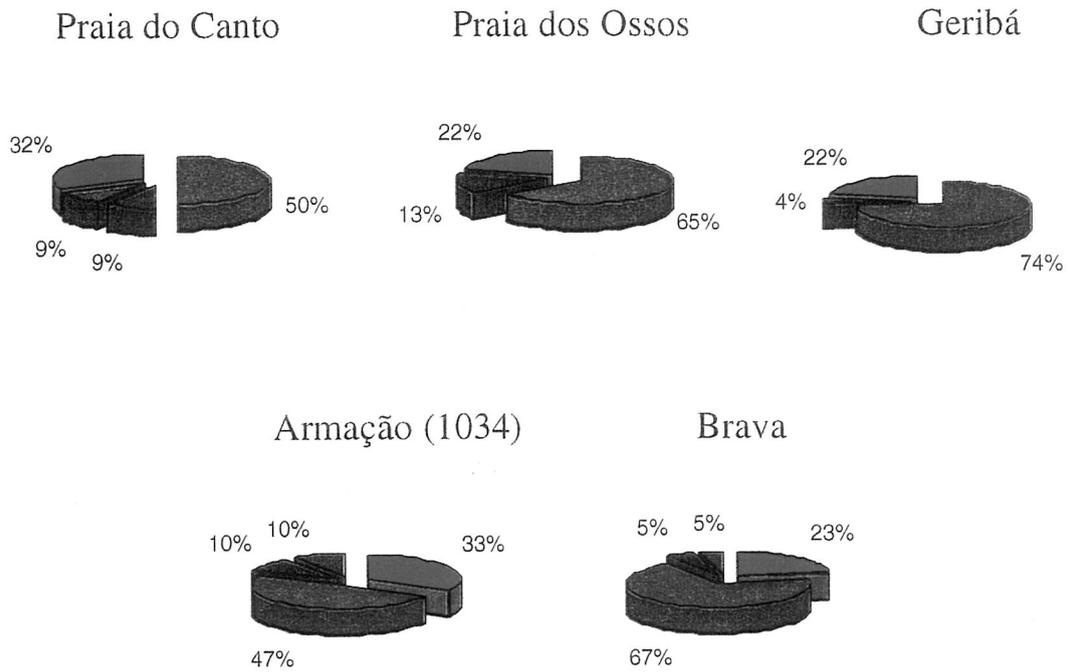
Além da contagem colimétrica, outros parâmetros são considerados para determinar a balneabilidade das praias, como o nível de óleo nas águas (identificado visualmente) e outras concentrações de elementos químicos que são mais comuns em áreas que possuam indústrias que produzam efluentes químicos, o que não é o caso de Búzios.

---

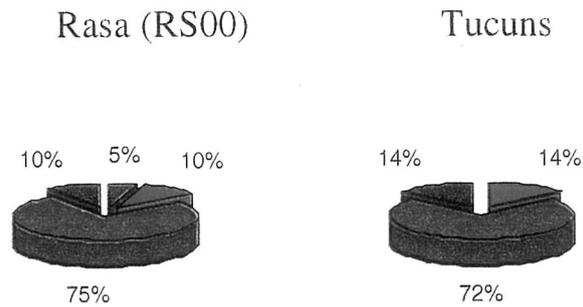
<sup>11</sup> Demanda Bioquímica de Oxigênio. “A DBO é a medida da quantidade de oxigênio usada nos processos respiratórios de microorganismos que oxidam a matéria orgânica das águas residuais e sintetizam componentes celulares a partir dos detritos. Uma das principais razões pela qual as águas residuais devem ser tratadas antes de seu retorno à fonte de abastecimento (rios ou lagos) é a de reduzir a drenagem do suprimento de oxigênio dissolvido da coleção hídrica receptora. A grandeza da DBO se relaciona com a quantidade de matéria orgânica presente no esgoto, isto é, quanto mais material orgânico oxidável, maior a demanda bioquímica de oxigênio. A “força” das águas residuais é expressa a nível da DBO”. Pelczar/Reid/Chan, 1982.

Gráfico 5

## Praias Não Recomendáveis

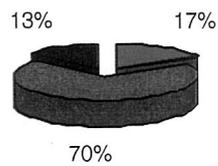


## Praias Satisfatórias

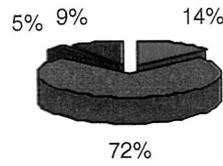


■ Excelente ■ Muito Boa ■ Satisfatória ■ Insatisfatória

### João Fernandes



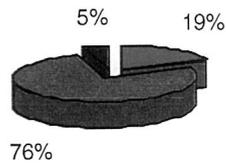
### Manguinhos



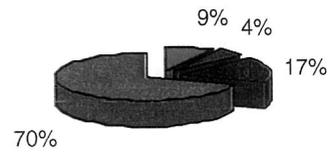
## Praias Muito Boas

---

### Ferradura



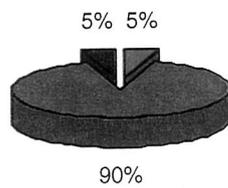
### Azeda



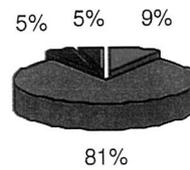
## Praias Excelentes

---

### Rasa (RS01)



### Forno



■ Excelente ■ Muito Boa ■ Satisfatória ■ Insatisfatória

Nas Praias da Armação, Ossos e Canto encontram-se registros de óleo combustível em suas águas devido à grande concentração de embarcações marítimas aí existentes.

As praias monitoradas são aquelas que apresentam maior risco de contaminação. Nos gráficos de balneabilidade se observa que algumas praias buzianas já oferecem alto risco de contaminação. Em alguns casos (ver tabela abaixo) foram observados um número dezesseis vezes superior ao permitido como limite máximo para balneabilidade, segundo os padrões do CONAMA, que segundo alguns técnicos laboratoristas entrevistados, já são demasiadamente benevolentes.

Estes resultados não representam uma grande surpresa, pois, não existe em Búzios nenhuma estação de tratamento coletivo de esgoto, alguns hotéis possuem sistemas insuficientes e, de modo geral, os esgotos acabam sendo lançados *in natura* no mar. As casas e condomínios também, grosso modo, não possuem sistemas eficientes, com ocupação máxima do terreno que dificulta a absorção do material orgânico, assim como os restaurantes e demais estabelecimentos.

O resultado prático de tudo isto são praias poluídas e um mau cheiro em certos pontos da cidade, como na Rua das Pedras, principal via comercial da cidade. Durante o verão, quando a cidade multiplica o seu número de habitantes, o mau cheiro se faz sentir em vários pontos da cidade. Em alguns trechos pode-se observar a olho nú as línguas negras que saem das tubulações dos estabelecimentos, drenadas diretamente nas Praias do Canto e Armação.

Na época de chuvas mais fortes, o problema tende a se agravar pois as chuvas ocasionam a “lavagem” do solo que, muitas vezes, possui acúmulo de esgoto. Além do mais, as chuvas podem provocar o erguimento do lençol freático que pode fazer transbordar as fossas sanitárias e o esgoto acaba chegando ao mar.

Nos gráficos, foram consideradas o monitoramento feito entre abril de 1994 a junho de 1996. Segundo os padrões do CONAMA, para uma praia ser considerada em condições de balneabilidade (recreação de contato primário), o limite de Coliformes fecais que pode ser encontrado é de 1000NMP/100ml da amostra em 80% ou mais dos resultados obtidos. Para elaboração deste gráfico, foram criadas 5 diferentes categorias segundo a frequência dos padrões de colimetria encontrados em cada praia.

O resultado deste monitoramento revelou os seguintes resultados: as praias do Canto, Ossos, Armação, Geribá e Brava estão sem condições de balneabilidade em mais de 20% do tempo e por isso são classificadas como praias não recomendáveis ao uso de contato primário. Deste grupo, duas grandes surpresas aparecem, mesmo para os técnicos da FEEMA: as praias de Geribá e Brava. Especialmente a praia Brava que não é urbanizada e o estado de conservação de suas encostas é muito bom. A explicação para este acontecimento é que o sentido das correntes marinhas carregam o despejo de esgoto *in natura* de casas e pousadas da praia de João Fernandes até a Praia Brava. Geribá, que fora conhecida como uma praia de águas limpas, parece que sucumbiu aos maus tratos que tem recebido. No último verão a praia foi invadida por uma “língua negra” proveniente de um condomínio de alto padrão sócio-econômico, onde moram inclusive artistas de televisão e personagens conhecidos da sociedade carioca.

As demais praias estão classificadas na categorias satisfatória, muito boa e excelente seguindo a classificação do CONAMA e todas possuem padrões de contaminação que não comprometem a balneabilidade.

Como podemos constatar, a situação da balneabilidade das praias de Búzios é alarmante, devido à falta de saneamento básico. Desta forma presumo que caso certas providências não sejam tomadas, o declínio da atividade do turismo em Búzios será ainda mais rápido. Cabe à sociedade civil se conscientizar dos crimes que estão cometendo ao construir suas casas, pousadas, lojas ou restaurantes sem

esgotamento sanitário. Cabe ao poder público estabelecer as formas deste esgotamento e fornecer a infra-estrutura necessária para efetuar o tratamento dos efluentes urbanos.

A balneabilidade é, além de um indicador da saúde pública, uma ótima demonstração de como a atividade do turismo pode destruir a si própria. Ao fomentar um crescimento indiscriminado e inescrupuloso o capitalismo segue em sua rota de destruição dos bens ambientais de nosso planeta. E, ao que parece, (nós) reproduzimos em outros lugares o caos que trazemos de nossa origem.

Um outro aspecto que vale a pena lembrar é o empobrecimento cênico que estas praias têm sofrido. Mediante o loteamento e construção indiscriminados em planícies e costões e à falta de educação (ambiental) da população, as praias tem sido devastadas e se tornado depósitos de lixo de seus freqüentadores.

Assim, seguiremos adiante em busca de um lugar tranquilo para passar os nossos finais de semana. Talvez para uma pequena vila onde as praias ainda sejam limpas e os peixes nadem ao nosso redor...

#### 4. Conclusão

Os dados levantados neste trabalho são suficientes para chegar a algumas conclusões finais. O modelo de desenvolvimento do Município de Armação dos Búzios, apoiado na atividade do turismo, tem proporcionado uma constante degradação ambiental. Se por um lado, a modernização trouxe mais segurança e conforto para a população local, ela também trouxe dicotomia, estratificação e segregação social, além da devastação de seu patrimônio natural.

Creio não haver dúvidas quanto às afirmações acima levantadas. Gostaria, entretanto de voltar a conectar os efeitos ambientais descritos à proposta inicial deste trabalho, que era demonstrar como o turismo representa “*um consumo coletivo da natureza que é ao mesmo tempo a destruição coletiva da mesma natureza*”, nas palavras de Rodrigues (1996). Para aprofundar melhor esta idéia, vou recorrer à “teoria da autodestruição do turismo” (Holder, 1991) contido em Rutschmann (1997).

Estudando a dinâmica da atividade turismo nas ilhas do Mar Caribe, Holder desenvolveu esta teoria, que diz que o turismo se desenvolve e sucumbe ciclicamente em quatro fases a saber:

*“1ª Fase: Um local distante e exótico oferece descanso, sossego e relaxamento, proporcionando refúgio para os ricos que lá vivem isolados da população local;*

*2ª Fase: Promoção Turística - atrai pessoas de classe média que vêm muito mais para imitar os ricos do que em busca de descanso e de relaxamento; constroem-se mais hotéis e outras facilidades para atrair e acomodar mais turistas; o local perde a característica de refúgio paradisíaco, transforma-se em uma série de comurbações, com as seguintes conseqüências: a população local se transforma em empregada do turismo, abandona a agricultura e seu rendimento é maior do que o anteriormente auferido; os turistas ricos mudam para outros lugares; o aumento do número de turistas torna inevitável a interação com a população local, provocando uma série*

*de conseqüências, geralmente negativas; o aumento dos equipamentos e alojamentos levam ao excesso da oferta sobre a demanda, deteriorando o produto e o preço;*

*3ª Fase: Os equipamentos para o turismo de massa atraem pessoas de poder econômico e de padrões e comportamento sociais mais baixos, conduzindo à degradação social do meio turístico;*

*4ª Fase: quando a localidade perde sua atratividade e decai social e economicamente, os turistas 'fogem', deixando atrás de si equipamentos turísticos abandonados, as praias e/ou o local desordenado, e uma população residente que não conseguirá voltar ao modo de vida anterior”*

Embora me faltem elementos de pesquisa mais concretos para afirmar com precisão, creio que Búzios se posicionaria no final da segunda fase ou início da terceira. Ao que me parece a recuperação ou manutenção do *status quo* de Búzios ainda é trabalhável e está intimamente relacionada com a preservação de seu meio ambiente que por mais devastado que esteja, ainda possui seus encantos e riquezas. Além do mais, Búzios ainda é um dos pontos mais bonitos do litoral brasileiro e possui uma infra-estrutura turística bastante razoável.

Entretanto, o que quero ressaltar é que os impactos gerados pelo turismo terminam por determinar a sua própria decadência e desta forma o próprio turismo torna-se vítima de si mesmo. Ele começa a se desenvolver devido aos atrativos de um espaço e acaba sucumbindo aos efeitos de seu desenvolvimento. Desta forma, a decadência do turismo é um impacto do próprio turismo. Ele não destrói somente a si mesmo. Ele se destrói em decorrência da destruição do meio ambiente que ocasiona.

Ao observar a teoria da autodestruição e transportá-la para Búzios, concluímos que a tendência do processo deste modelo de desenvolvimento é pessimista. Caberá aos

administradores e à população deste território reverter esta tendência e tentar fazer de Búzios um bom lugar para viver, pois “cidade boa para se morar, é cidade boa para o turismo” (Ruschmann, 1997).

Deste modo, encerro este trabalho com uma enorme preocupação quanto ao futuro desta cidade. Espero que os pontos levantados neste trabalho sirvam para se conhecer melhor esta realidade e poder, então, trabalhá-la melhor. A mensagem que venho passando é preocupante mas, é fundamentalmente um apelo e um desafio para que população, empresários, administradores públicos e pesquisadores venham a trabalhar juntos para poder devolver a Búzios a qualidade de vida que lhe foi roubada.

A indústria do turismo deve ser bem vinda à esta região. Mas haverá de se ter normas, padrões e controle. O modelo de construção de desenvolvimento e conservação ambiental através da atividade do turismo tem sido assunto de destaque em todo o mundo. Planejadores ambientais tem apostado no futuro deste ramo como uma das formas para se conciliar desenvolvimento e preservação. No caso específico de Armação dos Búzios, a corrida imobiliária deverá ser severamente controlada e as formas de exploração do turismo deverão ser aprimoradas.

Até quando vamos esperar? A natureza tem um limite de capacidade de carga e de recuperação. Após um certo momento, não poderemos mais reverter qualquer sintoma provocado por este modelo perverso. No máximo poderemos remediá-los enquanto construímos nossos novos “points” para os finais de semana.

## 5. Referências Bibliográficas

- AMADO, J. *Tieta do Agreste*, Salvador, Ed. Record, 1977
- BARRETO, M. *Planejamento e Organização em Turismo*, Campinas, Ed. Papirus, 1991
- \_\_\_\_\_. *Manual de Iniciação ao Estudo do turismo*, Campinas, Ed. Papirus, 1995
- “BUZIANO” *Coletânea de Jornais do n. 1 ao n.47*, Búzios, 1995/1997
- CALVINO, I. *Cidades Invisíveis*, São Paulo, Ed. Companhia da Letras, 1990
- CARLOS / YÁZIGI / DA CRUZ *Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura*, São Paulo, Ed Hucitec, 1996
- CARVALHO, B. *Ecologia Aplicada ao Saneamento Ambiental*, Rio de Janeiro, ABES, 1980
- CONTI E FURLAN, *Geoecologia: O Clima, os Solos e a Biota* In ROSS, J. *Geografia do Brasil*, EDUSP, 1996.
- DEAN, W. *A Ferro e Fogo*, São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 1997
- DÉOUX, S. e P. *L'Écologie cést la Santé*, Paris, Ed. Frison-Roche, 1995
- FEEMA *Perfil Ambiental do Município de Cabo Frio*, Rio de Janeiro, 1988
- FERRARA, L. *O turismo dos deslocamentos virtuais*, 1996:20 In CARLOS / DA CRUZ / YÁZIGI *Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura*, São Paulo, Hucitec, 1995
- HOBBSAWM, E. *Era dos Extremos*, São Paulo, Ed. Companhia da Letras, 1996
- LEA, J. *Tourism and Development in the Third World*, London, Ed. Routledge, 1988
- LE CORBUSIER *Planejamento Urbano*, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1984
- LEMOS, A. *Turismo: Impactos Socioambientais*, São Paulo, Ed. Hucitec, 1996
- MACEDO E PELLEGRINO *Do éden à cidade: transformação da paisagem*

- brasileira, 1996:156 *In* CARLOS / DA CRUZ / YÁZIGI Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura, São Paulo, Hucitec, 1996
- MATHIELSON AND WALL, Tourism: economic, physical and social impacts, London, Ed. Longman, 1982
- ODUM, E. Ecologia, Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1983
- PEB (Plano Estratégico de Búzios) Projeto do Grupo de Turismo, Búzios, 1996
- PELCZAR/REID/CHAN Microbiologia Volume II, São Paulo, Ed. McGraw-Hill, 1981
- RODRIGUES, A. A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental, 1996:55 *In* CARLOS / DA CRUZ / YÁZIGI Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura, São Paulo, Hucitec, 1996
- ROSS, J. Geografia do Brasil, São Paulo, EDUSP, 1996
- RUELE, D. Acaso e Caos, São Paulo, Ed. UNESP, 1991
- RUSCHMANN, D. Turismo e Planejamento Sustentável, Campinas, Ed. Papirus, 1997
- ROZE J. e BERNAL A. Resumo da Avaliação Preliminar da Mata Atlântica da Região de Búzios, City University of New York, 1995.
- SANTOS, M. A Urbanização Brasileira, São Paulo, Ed. Hucitec, 1993